

UMA ODE À MENTIRA PARA A DESTRUIÇÃO DO ESTADO

TRUST THE LIES

Uma ode à mentira para a destruição do Estado é um texto metalinguístico sobre a mentira enquanto recurso performático com potência de provocação às autoridades ilegítimas. Enfrenta as normativas éticas, aventando o auxílio da mentira como recurso pedagógico no campo lúdico das narrativas orais ao, essencialmente, questionar quem são os autores das ditas verdades e de suas histórias. Sustentada pela descrição de performances mentirosas e literatura duvidosa, a pretensão da queda do Estado é reduzida metodologicamente à própria composição literária deste trabalho para efeitos comparativos a cargo do leitor. Para tanto, o texto embasa-se em autores como BEY, FON e SCHECHNER, em diálogo com os pensadores apresentados pelo autor deste trabalho, como FREITAS, NIS e SANTA BRÍGIDA. Porém, não deixa de se fazer uma autocrítica ao reconhecer as limitações da mentira no espectro da transformação social, mas assente sobre sua capacidade de inflamação do espírito revolucionário entre os dissidentes do capitalismo.

Palavras-chave: Mentira. Performance. Anarquismo. Narrativas. Educação.

UMA ODE À MENTIRA PARA A DESTRUIÇÃO DO ESTADO

NOT THE 'TRUTH'

“Quando uma figura de autoridade nega o poder que lhe foi dado – sendo nos casos dos exemplos, um poder dado pelos envolvidos – ela rompe um pressuposto, e a novidade é compartilhada. Como se sabe, toda novidade é mais alarmante que qualquer comum notícia. Então, quando o educador se revela aprendiz, o contador de histórias apresenta-se como um cidadão comum que proseia anedotas, e o charlatão um permutador de ideias, as lógicas se invertem. O princípio da autoridade é cortado, os horizontes se igualam, a novidade anima e a liberdade se aproxima.”

UMA ODE À

MENTIRA

PARA - - - - - A

DESTRUIÇÃO

DO - - ESTADO

NO MUNDO REAL-
MENTE INVERTI-
DO ,

GUY DEBORD

A VERDADE
É UM MOMENTO
DO QUE É FALSO .

UMIA ODE A

MEN TIRA

PARA - - - - A

DESTRUIÇÃO

DO - - FSTADO

EM UMA SOCIEDADE
MANTIDA **EMMA GOLDMAN** PELA
MENTIRA,
QUALQUER EXPRESSÃO
DE LIBERDADE É
VISTA COMO LOUCURA

SUMÁRIO

11	INTRODUÇÃO
19	CHARLATANISMO REVOLUCIONÁRIO
21	POSSÍVEL ONTOLOGIA PARA A MENTIRA
25	TRATADO TEÓRICO DA MENTIRA REVOLUCIONÁRIA
39	DOS MENTIROÇOS
57	AFINAL O QUE É CHARALATANISMO REVOLUCIONÁRIO?
61	NARRATIVAS ORAIS E REBELDES
64	TODOS SÃO OS ESPAÇOS EDUCATIVOS
71	O EDUCADOR MENTIROSO CONTA HISTÓRIAS
79	CONSIDERAÇÕES FINAIS
88	AUTOCRÍTICA
94	UM CONVITE A FARSA
99	REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS
103	ANEXOS
121	APÊNDICES

1. INTRODUÇÃO

Tudo o que liberta os humanos, tudo aquilo que faz com que voltem para eles próprios, suscita neles o princípio de sua própria vida, de sua atividade original e verdadeiramente independente, tudo o que lhes dá a força para serem eles mesmos, é verdade, todo o resto é falso, liberticida, absurdo. Emancipar o humano, eis aí a única influência legítima e benéfica.

Abaixo a todos os dogmas religiosos e filosóficos que não são nada além de mentiras, a verdade não é uma teoria, mas um fato da vida em si, é a comunidade de humanos livres e independentes, é a sagrada unidade do amor que brota das profundezas misteriosas e infinitas da liberdade individual.¹

A partir da observação da capacidade do Estado em cooptar todas as formas de artes contra-hegemônicas para delimitar sua segurança, notou-se que uma das ações que as classes dominantes e o governo mais praticariam é o ato de mentir. A mentira do Estado sustenta os ideais de nacionalismo, mascara o racismo e ilude o consumidor através da publicidade. Apenas para evitar confusões terminológicas no prosseguimento do trabalho, abre-se um espaço para uma pontuação sobre a palavra Estado de Errico Malatesta, teórico anarquista italiano do século XIX.

¹ Trecho de uma carta de Mikhail Bakunin, teórico anarquista russo do século XIX. A carta tem data de 29 de março de 1845 e foi enviada de Paris para seu irmão Paulo. Ver carta completa no link <https://pt.prototype.at/index.php/Carta_para_Paulo>. Acesso em: 28/10/2017.

Os anarquistas se servem normalmente da palavra Estado para exprimir todo esse conjunto de instituições políticas, legislativas, judiciárias, militares, financeiras, etc., pelas quais subtrai-se ao povo a gestão de seus próprios negócios, a direção de sua própria conduta, o cuidado de sua própria segurança para confiá-las a alguns indivíduos que, por usurpação ou delegação, encontram-se investidos do direito de fazer leis sobre tudo e para todos, de coagir o povo a se conformar com isso, servindo-se para esta finalidade da força de todos.

Nesse caso, a palavra Estado significa governo ou, se se quiser, expressão impessoal, abstrata desse estado de coisas do qual o governo é a personificação. (MALATESTA, 2001, p.14-15).

Diante do quadro de ascensão das forças neoliberais e fascistas no mundo na atualidade do século XXI e reconhecendo a necessidade de encontrar novas formas de ação contra essas potências – pois alguns métodos tradicionais de luta já são, em certo ponto, facilmente interrompidos pelo Estado – o presente trabalho enxerga na utilização da mentira pelos dissidentes desse sistema, uma capacidade de provocação ácida das autoridades. Esse recurso abriria o caminho para a infiltração de outras ações rebeldes que miram a destruição do Estado. Portanto, a ideia trabalhada nesse texto, não coloca como fim e tampouco pinta como salvadora a utilização da mentira como ação contra-hegemônica, mas ela resgata na História ações individuais e coletivas de natureza semelhante e estimula a exaltação da criatividade por uma perspectiva da rebeldia.

Em um segundo momento, para a consagração da mentira em uma perspectiva pedagógica, reconhecer-se-á a importância do ofício do contador de histórias nos processos educativos em espaços configurados ou não como instituições de ensino.

Portanto, à questão “Qual educação?” propomos: a educação cujo objetivo é formar o ser humano para que ele possa estar em harmonia consigo mesmo, com seu meio ambiente e com seus semelhantes. É em sua dimensão formativa que a educação pode encontrar na força dessa “palavra” [do contador de histórias] um recurso poderoso. (MATOS, 2014, p.173).

O contador conta ficções, farsas, mentiras, mas isso não confere para suas narrativas uma problemática antiética, sendo que muitas vezes os contos carregam valores morais e éticos nesse ambiente lúdico propositalmente instaurado. As histórias são potentes. As mentiras também. Sendo assim, a mentira pode ser reconfigurada pelos educadores – e aqui atribui-se uma reverência ao contador de histórias – a fim de se criarem ensejos de uma sociedade que não corresponda aos critérios da competição, da meritocracia, da ganância, do capitalismo. As mentiras podem inventar causos exemplares de reação dos oprimidos ao Estado e incitar a subversão criativa rumo a libertação dos povos, e serem contempladas seguramente por uma perspectiva da esfera da Educação.

É importante ressaltar que a valorização da mentira neste trabalho se dá pelo viés de manifestação artística, onde os mentirosos são performers e suas mentiras

podem se materializar em qualquer que seja a linguagem mais adequada para fazê-las explodir, como por exemplo em uma performance escrita. “Os artistas que se lançam nesse tipo de empreitada estão atentos às questões do mundo atual e buscam com suas obras gerar uma atenção nova a essas inquietações”. (FON, 2016, p.17). Assim, delinear partes de uma personalidade possível da performance também auxiliará na compreensão desse caráter da mentira que se propõe. É nesse ponto que se conclama a inversão do dito objetivo usual do ofício do charlatão – mentia anteriormente para manipular consumidores; agora, mente para desmascarar as mentiras do capitalismo e suas nefastas variantes.

Dessa maneira, antes de discutir propriamente as características da mentira para depois direcionar a sua potência para a aniquilação do Estado, se faz necessário clarear que Estado é este que se critica. É importante delinear esse corpo para se compreender a urgência de investigação de novas formas de luta contra essa máquina opressora – que no caso deste trabalho, a forma proposta é a apropriação da mentira.

O que é o governo? Quem quer que coloque suas mãos sobre mim é um usurpador e um tirano; eu os declaro meus inimigos... Governo é escravidão. Suas leis são como teias de aranha para os ricos e correntes de aço para os pobres. Ser governado é ser observado, vigiado, espionado, regulado, doutrinado, comandando, evangelizado, controlado, censurado por pessoas que não possuem nem sabedoria ou virtude. É, em cada ação e transação, ser registrado, carimbado, tributado, patenteado, licenciado, avaliado, medido,

repreendido, corrigido, frustrado. Sob o pretexto do bem público é ser explorado, monopolizado, desfalcado, roubado e então, sob o menor protesto ou queixa, ser multado, assediado, caluniado, surrado, espancado, desarmado, julgado, condenado, aprisionado, baleado, estrangulado, deportado, vendido, traído, furtado, enganado, ultrajado, desonrado. Esse é o governo, essa é sua justiça, essa é sua moral!²

Deve-se lembrar, por último, que as críticas realizadas se fazem por uma ótica libertária e os fins de qualquer ideia e proposta discutida é a liberdade. Nada mais coerente então, que a pesquisa realizada tenha sido feita por meios anárquicos. Como afirma a máxima libertária: os fins já estão inseridos nos meios. Assim, da mesma forma que se define neste trabalho rapidamente o que é o Estado, se faz urgente manifestar quais são as veias insurreccionárias dos dissidentes, ou seja, em que acreditam esses rebeldes – mentirosos em potencial – que os fazem enfrentar essa estrutura opressora. É na anarquia que depositam sua fé. Sabe-se que a palavra anarquia vem do grego e significa sem governo, estado de um povo que se rege sem autoridade constituída. Mas para além de terminologias, como Élisée Reclus, geógrafo e anarquista francês do século XIX, declarou quando se perguntou “por que somos anarquistas?”:

2 Texto de Pierre-Joseph Proudhon (1948), teórico anarquista francês do século XIX, adaptado para o zine *O que é o Governo?* de autoria de Clifford Harper (1981).

Queremos nos livrar da opressão do Estado, não ter mais acima de nós superiores que possam comandar-nos, pôr sua vontade no lugar da nossa.

Queremos rasgar toda lei exterior, atendo-nos ao desenvolvimento consciente das leis interiores de toda a nossa natureza. Suprimindo o Estado, suprimimos também toda moral oficial, sabendo de antemão que não pode haver moralidade na obediência a leis incompreendidas, na obediência de prática da qual nem mesmo se busca perceber. Só há moral na liberdade. É só pela liberdade também que a renovação permanece possível. Queremos manter nosso espírito aberto, prestando-se de antemão a todo progresso, a toda nova ideia, a toda iniciativa generosa.

Entretanto, se somos anarquistas, os inimigos de todo senhor, também somos comunistas internacionais, pois compreendemos que a vida é impossível sem agrupamento social.

Isolados nada podemos, enquanto que, pela união íntima, podemos transformar o mundo. (RECLUS, 2011, p.45).

Assim, explanadas as perspectivas de Estado e anarquia, e pontuados os objetivos deste trabalho tanto quanto em seu aspecto artístico, predominantemente no campo da performance, e sua dimensão educativa, primordialmente no ofício do contador de histórias, declara-se a utilidade da insurgência do rebelde munido da mentira para o enfrentamento do Estado legitimador das opressões e contra a liberdade. “Enquanto durar a iniquidade, nós, anarquistas-comunistas-internacionais, permaneceremos em estado de revolução permanente”. (RECLUS, 1886, p.46).

2. CHARLATANISMO REVOLUCIONÁRIO

Esse capítulo aterra todas as anteriores elucubrações sobre a mentira. Busca-se coordenar e propor maneiras de fazer uso da mentira como forma de defesa e luta dos povos oprimidos para contravenção dos ditames dos diplomatas opressores. Condensados todos os esclarecimentos acerca dos objetivos definidos do Estado em cegamente fincar sua permanência a base de sangue alheio, o tratado teórico sobre a mentira a seguir é fruto de um estudo que intenta encontrar a melhor maneira de fazê-la penetrar e explodir. Ressalte-se que essa não é uma fórmula fechada. É inteiramente reconhecido que cada lugar é um lugar, cada tempo é um tempo, cada rebelde é um rebelde e conseqüentemente, cada mentira é uma mentira. Como última observação, a estruturação sistemática dos próximos parágrafos se dá apenas pela facilidade de comunicação, mas não significa necessariamente que se está estabelecida uma ordem correta de importância e aplicação.

2.1 POSSÍVEL ONTOLOGIA PARA A MENTIRA

O primeiro ponto essencial a se estabelecer, antes de desfrutar das noções para aplicação da mentira, parte da seguinte pergunta ontológica: o que é a mentira? Podemos defini-la como a afirmação de algo que é falso. No imaginário popular, a mentira é o oposto da verdade.

Discutir essas definições são essenciais para debruço da potência da mentira rebelde. O que é falso? O que é verdade? Quem diz o que é falso e quem diz o que é verdade? Na raiz de um trabalho de cunho libertário que acusa o Estado como um dos responsáveis pela manutenção da exploração humana, cabe a este lembrar que é o Estado e seus cúmplices quem acusam alguém de mentiroso e impõe suas verdades (SANTA BRÍGIDA, 1982). Isto é perpetuado na educação em todos os seus níveis, desde a transmissão de certos costumes dentro de casa, até a pedagogia castradora ofertada nas instituições de ensino. Para a maioria esmagadora das pessoas criadas, por exemplo, na sociedade brasileira, o patriarcalismo é uma verdade, sendo reforçada por distintos dogmas religiosos, por figuras públicas, pelas estruturas do Estado. O indivíduo em constante formação está cercado de exemplos de base patriarcal, e se desvincular dessa verdade é optar por uma mentira. Ou uma verdade, se a lógica se inverte. Assim sendo, o patriarcalismo é uma mentira.

A mentira pode se perpetuar em diferentes graus e vir em forma, ou em partes, de farsas, ficções, fraudes, falsidades, plágios, enganos. “Mentira pode ser ilusão, fantasia ou fazer o outro acreditar, simplesmente”. (FON, 2016, p.17). Depende da intenção. E quando o Estado apadrinha o patriarcalismo em suas veias, ele o faz intencionalmente. Ele engana. Assim as escalas de controle e vigilância se estendem para além dos seus braços. É interessante recordar, neste ponto, que parte dos estudos em Psicologia da Educação ganham grande patrocínio do capitalismo para que esta ciência estude o comportamento humano durante os processos educativos e passe a conhecer os mais certos caminhos para a manipulação da formação do indivíduo. Dessa forma, o sujeito cresce

e se comporta dentro do padrão pré-estabelecido e não causa problemas, ou seja, a chance de se tornar um dissidente do Estado é menor. A educação da maioria dos indivíduos da sociedade brasileira é fundada em mentiras. Afinal, não foi Pedro Álvares Cabral quem descobriu o Brasil e não os povos nativos que ali habitavam séculos antes do ano de 1500? Essa é uma verdade ensinada nas escolas para muitas pessoas, que ainda que seja sobre uma pequena, mas não menos importante, informação, distancia propositalmente essas pessoas das histórias de opressão colonial sobre os povos nativos e, conseqüentemente, atrelada a outras intenções, das questões indígenas contemporâneas.

Outro exemplo de forma de mentira que escancara a dicotomia entre ela e a verdade nas diferentes sociedades é o plágio. Somente dedica-se esse pequeno espaço para tecer comentários acerca dele, pois o plágio é considerado um grande problema no universo acadêmico, ou seja, digno de ser explorado minuciosamente pelos mentirosos. Cabe aqui ressaltar novamente que o presente trabalho de pesquisa se atém a discutir o tema central, em sua generalidade, no contexto cultural ocidental e, por vezes, mais especificamente, na sociedade brasileira. Quanto ao plágio, destaca-se um pequeno trecho de uma pesquisa sobre essa asserção na comunidade científica.

Para culturas confucianas – como, por exemplo, Singapura, China e Coréia – a autoria e a originalidade não são valorizadas como no Ocidente. A noção de propriedade intelectual, tradicionalmente, é bem mais coletiva do que individual. Portanto, num contexto acadêmico extrema-

mente multicultural, não são poucos os conflitos e dilemas que decorrem dessa visão diversa de autoria e produção textual. Há uma preocupação considerável por parte de autores dessas culturas confucianas em desenvolver mecanismos educacionais para diminuir as diferenças, por exemplo, na visão do texto do artigo científico. (VASCONCELOS, 2007).

O plagiador, para os membros da sociedade brasileira, comumente é visto como um enganador e, em sua essência dita oportunista, conseqüentemente, um mentiroso. Deve-se levantar a hipótese se todos são plagiadores, pois a construção de conhecimento no mundo é muito ampla e não se tem a oportunidade, em uma jornada de vida, de conhecer o todo. Portanto, a probabilidade de o tema pesquisado pelo autor deste trabalho já ter sido explorado é alta. O fato dele ser exposto na comunidade científica o torna propriedade de alguém? E se alguém minimamente reproduzi-lo em outros espaços, sem direcionar os devidos créditos, torna esse alguém um ladrão? Essa não é nada mais e nada menos do que a lógica da propriedade privada se enraizando no ventre da imaginação, da discussão e da crítica. Uma lógica que na grande maioria dos casos é patroneada pelo Estado. A citação anterior expõe uma outra verdade que entra em colisão com essa razão meritocrática e amplia o espectro da incitação à mentira rebelde.

O segundo ponto sobre a ontologia da mentira – não necessitando se ater demasiadamente – precisa recordar que a mentira comumente é acusada de ser antiética. **Santa Brígida (1982, p.55) diz que a mentira nos diversos círculos sociais tem por pressuposto**

a desonestidade, sendo os mentirosos tidos como pessoas de má índole e, gradualmente, são marginalizados por não estarem aptos a comporem a sociedade que se julga íntegra. Até hoje, a ação de simplesmente contar uma mentira é condenada pelo imaginário geral das sociedades ocidentais, embora todos mintam, ainda que sobre uma pequena coisa. No entanto, não se pretende debruçar sobre a problemática da ética e antiética neste trabalho. Mesmo porque a discussão sobre o que é a Ética é extremamente vasta e contraditória. Assim, apenas como provocação: se mentir intencionalmente mirando a aniquilação do Estado torna os feitos de tal ação antiéticos para a moral do Estado, que assim então o sejam. Que esteja claro que não está sendo proposto mentiras levianas para pregar peças nos companheiros oprimidos. O coração rebelde que arrisca mentir para se libertar, não quer enjaular seus irmãos. Seu alvo é o Estado, as autoridades da lei, os opressores e quem mais insistir em pisar em cima dos povos fraternais. Portanto, tenha claramente definido quem é seu alvo. Uma mentira pode transbordar uma vasilha e inundar uma cozinha. Esteja preparado para os respingos.

2.2 TRATADO TEÓRICO DA MENTIRA REVOLUCIONÁRIA

A mentira já é estratégica na própria natureza. Inúmeras espécies naturais sobrevivem a partir desta prática que, além de ser um processo que envolve imitação,

implica na condição de uma determinada criatura que pode não distinguir com segurança elementos à sua volta. Aliás, a maioria dos seres humanos hoje vivos na Terra já não vive mais na natureza não dominada de outrora; caso vivêssemos, em algum momento teríamos que nos fingir de mortos para não sermos devorados por algum animal. Isso também é mimetismo. (FON, 2016, p.19).

Em primeiro lugar, deve-se definir as lentes que guiarão a orientação dessa mentira que está sendo proposta. A mentira revolucionária nasce da urgência de construir estratégias cotidianas, individuais e coletivas, de prática insurgente para enfrentar as opressões do Estado – essa questão será tratada mais à frente. Certamente, deve-se fazer possível a estruturação de uma mentira de longo alcance temporal e espacial, o que exigiria maiores cuidados em seu processo criativo. O que cabe neste trecho é defender a mentira enquanto manifestação artística. A proposição dessa maneira de enxergar incube aos mentirosos a posição, além de dissidentes, de performers. **Nis (2015, p.35), em paralelo com as ideias de Guy Debord, afirma que todo aquele que se manifesta a romper a lógica hegemônica do instante em um determinado espaço, está a assumir a figura de um performer, por ser um ato contra espetacular.** Estes podem ser palhaços, atores, charlatões, economistas, cozinheiros, maquinistas. Ou seja, independente da profissão – não necessariamente o mentiroso se observa enquanto artista – aquele que mente para a conquista da liberdade individual e coletiva, está agindo através das interfaces de uma performance.

Isto porque esse arquétipo de mentira lida com inúmeros riscos e exige inúmeras capacidades conscientes pelo e de seu autor (NIS, 2015). São riscos desde um grau de nível mais particular (perda da confiança de outros, demissão do emprego por falha ética, ameaças de pessoas próximas) até um grau de exposição maior e letal (ter sua imagem veiculada nas redes sociais físicas e digitais, ser preso por falsidade ideológica – dependendo da forma da mentira – ou ser assassinado enquanto inimigo político). Algo parecido com o que acontece com os performers que se arriscam em ações de cunho político mais definido.

Schechner (2003, p.25-26) diz que “fazer performance é um ato, que pode também ser entendido em relação a: ser, fazer, mostrar-se fazendo, explicar ações demonstradas”. Se se apropriar desses quatro elementos para dinamizar a relação da mentira com o seu feitor, ao pé da letra se conclui da capacidade de ser mentiroso, mentir, mostrar-se mentindo e explicar suas mentiras. Esta ideia contribui para o não superficialismo da mentira rebelde, pois agrega potencialmente capacidades educativas, mais em um sentido de militância – não na orientação de ações através de partidos políticos, mas de propagação e ação por um ideal – e o próprio performer se afirma como exemplo possível. No entanto, os quatro elementos precisam ser analisados com cautela. Ser mentiroso é o primeiro passo e, ao mesmo tempo, consequência de devir de alguém que mente, ou seja, daquele que faz a mentira – o segundo elemento. Mostrar-se mentindo é algo que necessita ser mais restrito, por vias de segurança e manutenção da mentira. Apresentar-se para aqueles que compartilham dos mesmos ensejos de liberdade, que são pessoas de maior afetividade e confiança,

ou ainda aqueles que sinalizam um desejo por desestabilizar esse sistema de alguma maneira. Então, mostrar-se mentindo é a atitude que traduz para o outro a viabilidade e força dessa ação. Por fim, a explicação desses atos, surge como compromisso do mostrar-se, pois condensa os princípios, anseios e objetivos da mentira intencionada. Eis o aspecto educativo de maior ânimo. Essa é a hora que se compartilha o intento de destruir o Estado e de vigorar a anarquia.

Quanto a necessidade de novos métodos de luta contra o Estado, de muito tempo, os tradicionais já transitam entre ocupações das ruas, boicotes, greves, guerrilhas. A História apresentou diversos desses episódios, sendo alguns bem-sucedidos, mas a grande maioria rechaçados, cooptados, reprimidos, aniquilados. Ainda assim, dentre alguns dos bem-sucedidos, os fatos posteriores são carregados de controvérsias, até mesmo igualando-se ao estado anterior de opressão e manutenção do poder de forma autoritária. A questão aqui levantada é se esses métodos ainda são de grande eficácia para combate. Se se ocupa um espaço, a brutalidade policial dá conta de expulsar os ocupantes em instantes; se fazem greve, os proprietários demitem os funcionários e simplesmente não pagam por seus serviços. Em teoria, a greve, por exemplo, na Constituição brasileira, é um direito do operário. Mas a Lei serve ao Estado. O Estado aos interesses do capital e das classes dominantes. Como depositar sua fé de sobrevida em uma Constituição que tem como seu juiz uma Instituição que apenas se sustenta em cima das costas da classe trabalhadora? Dirão os mais radicais: que então peguem em armas! Como enfrentar o aparato repressor do Estado detentor de uma supremacia bélica desproporcional aos braços dos oprimidos? Não

cabe aqui generalizar. Isto é apenas a apresentação de algumas das perguntas que impulsionaram essa pesquisa. Obviamente que em diferentes contextos do mundo, as ocupações, as greves e as guerrilhas conquistaram e conquistam diferentes resultados.

Defendida a mentira enquanto manifestação artística, o segundo ponto alerta que a mentira pode ser inspirada em qualquer movimento, coletivo ou ideal, mas um fator importante para a sua penetração é que ela deve ser perfeitamente adaptada ao lugar. Deve-se lembrar que se o intuito de mentir for revolucionário, todo cuidado é necessário. A não ser que o tempo de permanência de uma mentira no imaginário coletivo seja idealizado, esse fator não é tão agravante. Afinal, a mentira já faz estrago suficiente apenas na sua chegada. O concerto – ou o concerto – depois é assunto para outro momento.

Então por que levar em consideração o lugar? Porque a grande maioria das pessoas e – para os fins deste trabalho – das autoridades públicas e particulares, residem em um espaço que o fazem como seu ambiente de permanência e apropriação. Existem coligações emocionais, históricas, profissionais, enfim, as pessoas são partes desse lugar. Mentir levando em consideração a linguagem, os costumes, as histórias, os jogos e os políticos desse lugar, é ter a sensibilidade de um rebelde consciente do alcance de sua ação. Portanto, uma mentira que está perfeitamente adaptada a essas peculiaridades do contexto social tem um alcance relacional maior com as pessoas envolvidas. Ela se torna mais real, visível e concreta. Claro que isso não a ausenta de ser descoberta enquanto falsidade. No entanto, é importante lembrar que a mentira não deveria ser pensada para ter validação eterna. Quem está interessado nessa abordagem é o Estado

para fins de manipulação de tudo que puder manipular. O interesse da mentira rebelde é que com seu impacto inicial, desmascare as mentiras opressoras. Mentir para conhecer a verdade, eis a essência dessa ação enquanto pronúncia subversiva. “Se os pequenos mentirosos são impostos às margens a medida que uma grande cidade avança afirmando-se honesta, alguma parcela de verdade esses mentirosos têm para dizer e que os ‘íntegros’ não querem ouvir”. (SANTA BRÍGIDA, 1982, p.75).

O terceiro ponto é o desenrolamento do cuidado anterior. Conheça seus alvos. Identifique quem são as pessoas, as instituições e as ideias que se intenta atingir. Saber quais são os princípios e fundamentos de estratificação de suas estruturas é conhecer os pontos vitais e, conseqüentemente, frágeis desses organismos. É neles que partes da mentira irão aspergir. Quando se sabe com o que ou quem está lidando, premeditar possíveis rebotes se tornam práticas cada vez mais frequentes. Assim, esse corpo que escolhe se rebelar, seja através da mentira ou de outras práticas subversivas, sabe a hora de descansar e a hora de agir sem arriscar-se pelo viés da alienação. O risco passa de ignorante para consciente. Só por esse discernimento, o ataque contra o organismo opressor se torna mais preciso. A mentira ganha consistência.

Ele se reconhecia como ela e ela se reconhecia como ele. Deixem-lhes dizer quem são. Alguns nem por ele e nem por ela queriam ser chamados. Mas a existência de um rompedor natural de lógicas dominantes não é tão fácil em uma cidade patriarcal e fundamentalista. Habitam em meio as vidas uma grande parcela de risco. Risco de sua vida ser evadida em todos os aspectos. Só que ainda assim,

aceitam a ameaça, ou melhor, enfrentam, conscientes do risco e conscientes da necessidade de se empoderar para romper.³ (NIS, 2015, p.50).

Um ótimo caminho para pensar em novas formas de luta contra o Estado é associar o seu funcionamento com o metabolismo de um corpo humano. Isso é um exercício para conhecimento mais minucioso do alvo. “A sociedade capitalista está tão mal organizada que seus diversos membros sofrem, do mesmo modo que quando sente dor em alguma parte de seu organismo, te dói todo o corpo e estás doente”⁴ (BERKMAN, 2009, p. 265). Um corpo que se alimenta de forma equivocada, seja por muito ou por pouco alimento, ou que até mesmo não se alimenta, adocece; o Estado que subsidia práticas demasiadas exploratórias de recursos naturais esgotáveis, ou seja, por muito, desnute a fonte e cava sua própria cova; o Estado que não tem força de trabalho para se nutrir, pois seu alimento entrou em greve, adocece. Um corpo que não dorme, terá cada vez mais constantes lapsos no tempo, até vir a falência e cair, sem energia renovada. A questão com o Estado é que ele não pode dormir, senão ele abre brechas para sua desestruturação e falha (FREITAS, 2013). Por esse motivo, ele não é capaz de coordenar perfeitamente todos os seus órgãos, e cada vez mais, por falta com estes, tem lapsos no tempo, gerando fendas em seu organismo. A polícia do Estado, por exemplo, pode ser muito eficiente para ele, embora muitas vezes aja com autonomia e perpetue seus abusos, mas

3 Tradução livre pelo autor deste trabalho.

4 Tradução livre pelo autor deste trabalho.

também por esse ser o recurso do topo da pirâmide para se defender. Agora, a sistematização efetiva dos centros de zoonoses do governo, quase não recebem a atenção necessária. O Estado é enorme e para ele isso não interessa, mas para muitas pessoas é um órgão relevante. Pensar ações e criar mentiras a partir das fissuras nos centros de zoonoses pode ser uma centelha. Mas esse é apenas um exemplo.

O cerne do exemplo exposto anteriormente é pensar que um corpo (Estado) pode manter-se em pé com alguns de seus membros deficientes. Entretanto, quanto mais deficiências esse corpo desenvolver, mais dificuldade ele terá de subsistir. Debilitem esse corpo. Um centro de zoonoses pode ser um dedo mindinho de um pé, mas todos os centros de zoonoses e todos os outros órgãos de relevância ditas menores para o Estado, podem ser um pé. E aí esse corpo já não se locomove com tanta rapidez, pois está manco. Essa não é uma observação que pretende resultar em: se cada um fizer sua parte, o mundo mudará. Esse não é o intuito. A proposta é expandir as frentes de ação direta de modo a resguardar a segurança dos feitores ao conhecer as ações e reações da anatomia desse corpo opressor. Da mesma maneira, é indispensável recordar que dentro do Estado existem inúmeros outros corpos, cada um com sua anatomia e, por muitas vezes, autonomia distintas. Um grande acervo biológico com suas peculiaridades.

O quarto ponto já diz respeito ao processo de formulação da mentira de maneira estratégica, levando em consideração os conteúdos previamente comentados. Parte da mentira deveria conter fatos, informações, exemplos reais. Essa é uma tática para a mentira não ser tida como loucura em um primeiro momento. Se, por

exemplo, essa mentira requer documentos institucionais, estude a possibilidade de incluir uma instituição existente. No entanto, conheça esse órgão que está sendo incorporado de forma a prever possíveis cobranças e retaliações. A vantagem, nesse caso, é que um documento oficial tem muito mais valor de reconhecimento que a palavra de um ser humano. Com as validações subsequentes dela, aos poucos, contra esses corpos opressores, a mentira conquista sua particular emancipação e torna-se um corpo que se move sozinho, tendo todos os envolvidos como sustentadores dela, da mesma maneira que o Tenente Quetange remanesceu⁵. A chave está em plantar corretamente a mentira e ela se desenvolverá por si só. Assim, a mentira em seus próprios entremeios gradativamente escancararia as tolices da sociedade do espetáculo. O contraponto é exatamente a serventia que isso tem para o rebelde que pretende subvertê-la.

A mentira pode narrar um ocorrido em uma cidade específica de um país, englobar figuras públicas não tão conhecidas, nascer de um pequeno boato. Ela deveria parecer real, mas não necessariamente trivial. Pode afirmar que em determinado território fake uma revolta acabou de se iniciar, está alcançando resultados e que se tem poucas informações ainda sobre os fatos. No entanto, se um grupo de pessoas resolve reafirmar essa mentira, ela ganhará corpo sozinha. Por fim, ela pode não ter um efeito prático grandioso, mas quem a ouviu, por instantes sabe que é possível se rebelar e ter bons frutos. Dessa maneira, progressivamente, vai se criando uma cultura

⁵ *O Tenente Quetange* é uma ficção de Lúri Tyniánov que, sinteticamente, trata de um erro gramatical cometido por um escrivão da corte em uma carta oficial e isso criou uma personagem autonomamente cultuada pela sociedade.

de consciência revolucionária, mas isso será tratado em capítulos posteriores. Deve-se recordar que uma mentira não se estabelece apenas em formas de narrações ficcionais, mas também em plágios, falsificações de documentos, fraudes e que dependendo da forma, pode ter consequências deveras graves para os mentirosos, conferindo a estes um lugar dentro da esfera do banditismo social. Algo fiscalizado por crime, mas evidentemente pela libertação dos povos⁶. Um crime contra o Estado burguês.

O quinto ponto é um rápido apelo. Ele busca subverter as camadas do imaginário coletivo em relação a distintas questões das minorias oprimidas – que por fim é a maioria do povo. Na construção da mentira, dá importância para os invisíveis e para os mortos pelo Estado. As mentiras bem aplicadas costumam atravessar muitas pessoas pela sua potência em carregar novidade. Se esses casos têm como protagonistas essas minorias, na condição de agentes de transformação revolucionária, inicia-se uma nova cultura de conhecimento e propagação de ideias não-hegemônicas. Grupos historicamente excluídos dificilmente têm espaço dentro das instituições acadêmicas de ensino superior, por exemplo. E se dentro delas emergissem esses personagens enquanto pesquisadores ativos, ao se identificar que a comunidade científica é a grande validadora de conhecimento e que muitas vezes é aliada das facetas burguesas? Ainda que não se encontre a materialidade desses corpos, mas que estejam registradas essas ideias de suas autorias nos artigos científicos de tanta conveniência para os humanos

da sociedade espetacular. É a mentira adentrando novamente os livros de História, mas dessa vez não ocultando as verdadeiras histórias do mundo. “A verdade falsa pertence àqueles que detém os meios de produção, pois são eles que farão seus atuais e futuros empregados [as crianças] acreditarem no que se deve acreditar para que a produção nunca pare de cessar”. (SANTA BRÍGIDA, 1982, p. 69-70).

Dar esse passo é, ainda que indiretamente, reconhecer que o conhecimento é construído coletivamente e democraticamente, sendo este não pertencente exclusivamente a um pequeno grupo de pessoas ditas esclarecidas. Um livro entrar para o rol de literatura mais lida de uma determinada área não significa que ele é a principal referência do tema. As pessoas podem ter opiniões sobre qualquer assunto, sendo estas leigas ou não, e todas deveriam ter o direito de serem ouvidas. Mas na academia isso não acontece, pois não há espaço para concepções sem fundamento nos teóricos idolatrados pela ciência burguesa, ainda que se tenha base em suas vivências. Que os doutores fictícios, pseudônimos e teóricos marginais sejam exaltados para as construções de novas verdades (ir-se-ão chamar de mentiras) para a destruição das velhas mentiras.

Partindo das observâncias do terceiro ponto, onde se enxerga a necessidade de conhecer os alvos a serem atingidos, o sexto ponto será mais eficiente caso tenha sido realizada essa tarefa de investigação. Muna-se de todos os argumentos, na orientação direcional de plausíveis para absurdos, para as possíveis tentativas de derrubar a mentira. Narrativas bem estruturadas têm o grande poder de firmar as bases de uma ideia. Em algumas sociedades tradicionais, por exemplo, as narrativas

⁶ Discussão contemplada por um zine chamado *Defenda-se, crie um personagem* (2016) de autoria anônima e coletiva que exalta a falsidade ideológica como prática de banditismo social contra a burguesia e os grandes empresários.

orais são o primordial elo entre as pessoas e a cultura de um povo – especificamente esse detalhe será tratado com maior atenção nos próximos capítulos. Claramente, os primeiros passos subsequentes aos ataques feitos à mentira é defendê-la com sua palavra, além de durante esse curso, defender a validade de sua própria palavra. Isso exige muito cuidado e controle de si mesmo, lembrando por muitas vezes partes do processo de atuação de um artista cênico. No entanto, diferente das inúmeras escolas e formas de se fazer teatro, neste caso existem dois caminhos mais estratégicos para a salvaguarda do mentiroso-performer: ou de parecer definitivamente real o que está sendo dito enquanto contra-argumento; ou reagir aos ataques na esfera do sarcasmo. O segundo caminho geralmente encurta demais o tempo de vida da mentira, mas tem um potencial crítico muito agudo no momento instantâneo. Contudo, nenhum e nem outro podem ser suficientes. As vezes se faz necessário citar alguém, apresentar fotos ou estender documentos. Os criadores da mentira deveriam preparar previamente todos esses recursos.

Mas tudo isso por que? Não seria mais fácil ao notar que uma mentira está falecendo, desapega-la e iniciar um novo encadeamento mentiroso? Se faz necessário recomendar que as mentiras, enquanto carregadoras de novidades, costumam transitar por muitos ouvidos e serem repassadas de uma maneira que foge do controle do mentiroso, adquirindo uma espécie de vida própria que ganha massa corporal conforme vaga pelos diálogos alheios. Ou seja, insistir para prolongar seu tempo de vida é dar oportunidade para seu amadurecimento e, conseqüentemente, amplificar os efeitos de desconstrução revolucionária dos ambientes

afetados. Agora, caso todos os métodos não tenham sido eficientes, não há mal algum no fracasso. É importante para a respiração e o despiste das práticas subversivas as noções de não-território e efemeridade⁷, para evitar as ações do Estado de inquirição minuciosa, cooptação e destruição. Se as máquinas burguesas, amedrontadas de verem ameaçados seus cartéis, apurarem as particularidades dessas mentiras, a chance de as mesmas perderem a validade em pequenos períodos de tempo será maior. Aqui, portanto, se reafirma o estopim para o nascimento dessa pesquisa: encontrar novas formas de luta contra o Estado frente as dificuldades dos métodos tradicionais se concretizarem. Assim, se faz necessária a cautela para que a mentira rebelde não se torne uma prática obsoleta.

Apesar da enorme prudência quanto a longevidade da mentira, ela poderia ser desmascarada, cedo ou tarde. Qualquer ação que se manifeste contrária aos interesses do capitalismo, do Estado e das classes dominantes, será uma tormenta, ainda que pequena, para eles. Por isso, a atenção desse grupo para essas ações é dobrada. Não se pode esquecer o estágio de complexidade organizacional e força que os organismos opressores adquiriram ao longo do tempo nas sociedades. É certo que a união de todos os operários que estão interessados na conquista da liberdade, confere a eles mais vigor para o combate, e que por conta da complexidade corporativa do sistema hegemônico, restarão fendas em sua estrutura para a infiltração de materiais subversivos. Todavia,

7 No zine *Sumimos!* (2015) de autoria de um coletivo fictício conhecido por Bombátomos, as ideias de não-território e efemeridade sugerem o desapego como pilar de conduta de uma ação subversiva. Em suas palavras “é como uma explosão: ela tem um efeito grandioso e agudo, faz bastante barulho, mas se dissipa no ar, deixando apenas os estragos”.

há de ser pragmático e reconhecer que esta força de luta não está ainda integralmente unida e organizada para um embate de grandes proporções, mas por haver brechas nas estruturas do Estado é que se acredita no potencial da mentira. De qualquer maneira, tendo em vista as dimensões de vigilância e capacidades punitivas do Estado para com os grupos dissidentes, é sensato admitir que a mentira será desmistificada. Este é o sétimo ponto.

Abram-se parênteses nesse trecho para uma observação: não há porquê sustentar uma ilusão de que manifestações artísticas serão capazes de destruir o capitalismo. Este trabalho tampouco deseja suscitar esse devaneio. Deve-se ser consciente e pleno de que o Estado tem a capacidade de censurar, destruir, apagar os vestígios e aniquilar os criadores com extrema facilidade. E não é com quadros, canções, picadeiros e rodas de dança que se demolem os arranha-céus capitalistas. Para o autor deste trabalho, é com gritos, martelos, guindastes e desligando as máquinas. Mas acredita-se que são com os quadros, canções, picadeiros e rodas de dança que se efervesce os ânimos rebeldes, que se educam mutuamente as pessoas para a liberdade, que se cutucam os patrocinadores das opressões, que se constituem coletivos e ideais de luta. É com a mentira que se tira um parafuso da máquina, que se provam as incoerências, que se divertem os mentirosos, que se arruinam a paz das autoridades. Esse impulso criativo de ação e espírito rebelde deveriam ser tarefa cotidiana de todo revolucionário. Pois enquanto a insurreição não vem, os nódulos e tumores do grande organismo tirânico vão evoluindo pelos estresses em si causados.

Por fim, dada a consciência de evaporação futura da mentira, eis o oitavo e último ponto. Sim,

admitam-se mentirosos para o mundo. Se o que é verdade é essa sujeira que o Estado oferta de recursos para a manutenção de uma sobrevivida subserviente, os dissidentes amantes da liberdade acreditam em uma mentira, o oposto dessa verdade. Uma mentira que afirma a possibilidade de viver com e para a liberdade através da educação libertária, da ajuda mútua, da autogestão, da solidariedade e respeito entre os seres humanos. Uma mentira que habita timidamente o imaginário de muitas pessoas que se enxergam aprisionadas pelo cotidiano carregado de escalas de opressão na família, na igreja, na escola, no trabalho, mas sem esperança de enxergar a liberdade. Opressões que pelas diferentes formas e conteúdos impõem suas verdades de um ser humano livre, mas que não passam de mentiras inimigas da liberdade. Que a mentira revolucionária se desdobre em infinitos boatos e perparse pelos inúmeros ouvidos ao ponto de se constituir verdade a ser crida, alcançada e defendida com amor e anarquia.

2.3 DOS MENTIROÇOS

Para a consagração da mentira como forma de luta além do campo das ideias, alguns artistas e grupos de artistas utilizaram-se dela para realizar seus esforços de ação artística. Algumas dessas ações serão expostas a seguir, mas que esteja claro que são apenas algumas das maneiras possíveis de se mentir, elucidando um pouco o que fora comentado sobre os oito pontos da mentira revolucionária e expandindo caminhos para sua utilização.



Figura 1 – Cavalo de Tróia utilizado no filme Troy (2004) e repousado na cidade de Çanakkale, Turquia.



A primeira ação que poderia ser mencionada, embora pareça irônico citá-la, é muito conhecida e sua breve história se popularizou bastante pelo seu nome, que depois fora usada para designar certos vírus de computador. É o Cavalo de Troia ou, em inglês, trojan horse. Em verdade, a história da Guerra de Troia fora contada por Homero em *Ilíada*, embora o cavalo seja apenas mencionado no livro *Odisséia*. Em resumo, o Cavalo de Troia fora um presente dado pelos gregos aos troianos, onde estes encararam o grande objeto como um símbolo da sua vitória na guerra. No entanto, ao chegar a noite, com o cavalo dentro da cidade de Troia, soldados gregos saíram de seu interior e conseguiram abrir os portões da cidade para a entrada do exército grego, tendo por fim a destruição da cidade de Troia e a vitória da guerra dada aos gregos. Não é possível afirmar com certeza que esta é a história verdadeira, mas ela foi confabulada dessa maneira por muitos contadores de histórias.

Essa história tão já conhecida pelas pessoas é um exemplo bastante figurativo de aplicação da mentira para fins de luta contra o Estado. Pode-se trabalhar com algumas analogias: os gregos como o povo oprimido; Troia como o Estado opressor; o Cavalo enquanto objeto, como a materialização de uma linguagem artística; o Cavalo enquanto presente – é daí que surge o termo “presente de grego” – como a mentira a ser infiltrada pelos gregos. Sendo assim, temos um exemplo de concretização em proporções gigantescas da mentira rebelde, visto que

ela se apresenta ao mundo em forma de arte, mas com as verdadeiras intenções veladas. É bastante claro que os gregos não tinham a intenção de fazer permanecer a mentira, mesmo porque havia urgência do embate para alcançar a vitória. Ela devia apenas se infiltrar até certo ponto para depois implodir e ser revelada. Depois que o Cavalo de Troia passou pelos portões de entrada, o estrago já estava feito. A mentira revolucionária não deseja fincar-se como verdade, mas, em graduação de consequência, penetrar como verdade, implodir como mentira, desmascarar as mentiras do Estado e propor as verdades da liberdade. Apenas por curiosidade, por fim, não se sabe ao certo se de fato a Guerra de Troia existiu, dividindo a opinião dos estudiosos acerca de sua veracidade.

Orson Welles, cineasta norte-americano, no início de sua importante carreira, quando ainda era desconhecido, aterrorizou a costa leste dos Estados Unidos. No dia 30 de outubro de 1938, ele realizou uma transmissão dramática de um trecho do livro “Guerra dos Mundos” de H. G. Wells após a interrupção repentina de um programa musical da rede de rádio Columbia Broadcasting System. Aconteceu que ouvintes de diversas cidades norte-americanas – estima-se que foram pelo menos 1,2 milhão de pessoas atingidas – acreditaram ser de fato uma invasão alienígena, o que ocasionou um enorme pânico coletivo, congestionando linhas telefônicas e travando ruas por tentativas de fuga da cidade. A transmissão durou apenas uma hora até começar a normalização do desespero. Esse fato singularizou a história dessa rádio e chegou a ser considerado o programa que mais marcou a história da mídia do século XX.

Este é um ótimo exemplo para se pensar na estruturação estratégica de uma mentira. Não bastava que

Welles lesse aleatoriamente um determinado trecho do livro em questão. Ele precisava adaptar aquela linguagem escrita para a linguagem da rádio. Afim da transmissão ser mais factível, ela incorporou reportagens, entrevistas, efeitos sonoros, opiniões de peritos, enfim, houve a preocupação de aquilo se passar como verdade para que o alcance de público fosse maior e mais espetacular. Também, tudo fora arquitetado não somente por Welles, que fez a leitura dramática, mas também por Howard Koch e Paul Stewart, a quem se deve a autoria da peça radiofônica, que foram duas personalidades da época também envolvidas com as linguagens da sétima arte. Embora não planejado tamanho escândalo, ou seja, não se tinha o pânico como objetivo, a importância desse exemplo para a mentira revolucionária é o cuidado com o planejamento, elaboração e adaptação da transmissão. E este foi o resultado dos minuciosos esforços. O que seria dessa mentira se seu objetivo fosse atacar o Estado? Provavelmente os responsáveis seriam severamente penalizados se o alcance fosse de mesma escala.

Em 1984, houve o maior desastre industrial do todos os tempos na cidade de Bhopal, na Índia. Uma fábrica norte-americana de pesticidas, a Union Carbide, deixou vaziar 40 toneladas de gases tóxicos, estimando-se que o acidente tenha afetado mais de 500 mil pessoas que ficaram expostas aos compostos danosos. Até hoje, muitas famílias ainda sofrem com os efeitos químicos,

FAKE RADIO 'WAR' STIRS TERROR THROUGH U.S.

—Story on Page 2



"War" Victim

Caroline Cantlon, WPA actress, listening to this radio in West 49th St., heard announcement of "smoke in Times Square." Running to street, she fell, broke her arm.



"I Didn't Know". Orson Welles, after broadcast, expresses amazement at public reaction. He adapted H. G. Wells' "War of the Worlds" for radio and played principal role. Left: a machine conceived for another H. G. Wells story. Dramatic description of landing of weird "machine from Mars" started last night's panic.



Figura 2 – Notícia sobre a repercussão da transmissão de "Guerra dos Mundos" feita por Orson Welles.

biológicos, financeiros e sociais que o desastre ocasionou, sem mencionar pelo menos as 5.000 pessoas que morreram em semanas após o ocorrido. Acontece que a empresa não se responsabilizou devidamente, ofertando como um patético pedido de desculpas um valor único de menos de mil dólares para cada vítima afetada, o que não fez nenhuma diferença considerável para o bolso dos acionistas da multinacional, e quase nenhuma diferença restaurativa para as pessoas prejudicadas. Vinte anos depois, uma dupla de performers conhecidos como The Yes Men, iria abalar o mundo com uma mentira bem construída e, no princípio, sem grandes pretensões.

The Yes Men é composto por dois ativistas – conhecidos pelos pseudônimos Andy Bichlbaum e Mike Bonanno – que têm como projetos mais notáveis, além de paródias de peças publicitárias e outdoors, as participações que efetuam em conferências de inúmeros tipos, fingindo serem pessoas importantes de grandes organizações. Atuam de maneira a caricaturar o liberalismo econômico e seus enormes danos socioambientais. Dentre as inúmeras farsas que realizaram, a relacionada com o desastre de Bhopal surtiu um grande efeito. Após vinte anos do acidente, Andy e Mike construíram um site fake cujo nome era “dowethics.net” – Dow Chemical era a empresa que havia comprado a Union Carbide, a responsável pelo desastre. Pouco tempo depois da sua idealização, a dupla recebeu um convite para falar em uma conferência, mas o acontecimento mais importante relacionado ao site, foi o convite que a BBC World, uma das agências de notícias mais importantes do mundo, fez para que um deles, um “porta-voz” da Dow Chemical, se retratasse em nome da empresa em rede internacional sobre como seria concertado o desastre por eles

ocasionado. Andy, sob o nome de Jude Finisterra, aceitou o convite e se pronunciou na televisão afirmando que a Dow Chemical liquidaria a Union Carbide e destinaria 12 bilhões para os diversos reparos necessários da cidade e do povo de Bhopal. Embora a notícia tenha sido desmentida duas horas depois pela própria empresa, o comunicado fez com que a Dow tenha perdido 23% do valor de suas ações, equivalente a 2 bilhões de dólares.

Mais outra vez, uma mentira sem a pretensão de se enraizar, mas escancarar a verdade e expor as mentiras das escalas opressoras. Andy e Mike tiveram a sorte de não sofrerem um processo judicial por parte da Dow Chemical. O impressionante é como essa ação relâmpago desembocou em um dano considerável às finanças da empresa. O que mais seria possível, pela mentira, para danificar os patrocinadores do Estado? The Yes Men, apesar dos inúmeros desmascaramentos, insistem em assumir as personagens farsantes e denunciar os abusos do liberalismo. Eles sabem a fama que suas ações ganharam, mas reconhecem que ainda existem muitas brechas para se infiltrarem e debocharem. Para tanto, os recursos que se utilizam são vários, como barbas falsas, sites falsos, slides irônicos e esculturas sarcásticas. Tudo sustentado por mentiras.

Em meados de 2008, ano de eleições para prefeitos e vereadores no Brasil, perambulava pelas entradas das estações de metrô de São Paulo algumas figuras de aparências bem icônicas. Vestidos como jornalheiros da década de 40, eles entregavam jornais para os transeuntes, numa espécie de distribuição gratuita parecida com a do Metrô News – jornal que começou a circular em 1974 pelo preço de 0,50 centavos, mas em anos recentes, convencionalmente de forma gratuita, de



BBC
WORLD

bbcnews.com

BHOPAL LEG

***Dow accepts full res**

Figura 3 – Frame da transmissão da ação realizada pelos The Yes Men na BBC World News.



segunda a sexta-feira. O Metrô News não circulava por todas as estações de metrô e nem sempre os usuários de transporte público tinham acesso diariamente, por inúmeras questões agora irrelevantes de serem mencionadas. Eis que esse grupo, cujo nome do coletivo não se sabe, pelo menos ainda, decidiu ocupar esse vácuo da falta de notícias em material impresso em algumas portas de terminais distribuindo um tal de “Jornal pela Liberdade”. Este era um jornal que mais de sua metade continha notícias fakes que priorizavam a exposição de situações pelo mundo onde certos grupos de pessoas lutaram por uma causa – causas estas muito próximas das reivindicações das lutas brasileiras – e conseguiram resultados a seu favor. O restante do conteúdo, simulando um jornal comum, continha um passatempo, uma charge, e até mesmo pequenas propagandas, geralmente em um misto de produtos fakes, satirizando a falsa necessidade de comprar, e a indicação de estabelecimentos reais de microcomércio na cidade.

Acontece que os jornalheiros deste coletivo nem sempre estavam nas mesmas estações e nem nos mesmos horários entregando o jornal. Acredita-se que o coletivo não era composto por muitos membros e provavelmente a impressão do material gráfico era produzido por conta dos próprios autores, o que acarretava na distribuição de uma porção pequena de jornais. No entanto, não parece que tinham a pretensão de alcançar toda

a cidade ou tornarem-se conhecidos. Em pleno ano de eleições, onde a mídia hegemônica dedica bastante espaço para propaganda política, seu objetivo era apresentar novas perspectivas de sociedade, em um caminho ao contrário ao de um sistema de votação, mas pela ação direta do povo pelo e para o povo. Por mais que o jornal não se explicitasse anarquista, o conteúdo falava por si só. As notícias variavam de graus de intensidade, comportando, por exemplo, uma notícia sobre o barramento do aumento da passagem do transporte público, até a deposição de um político de alguma cidade. Tudo sem o acordo com figuras políticas da esquerda. Apenas através da ocupação das ruas, da destruição de ícones do capitalismo, de ocupações, de greves, de boicotes e de enfrentamento com as autoridades.

Não se tem muitas informações sobre as ações desse grupo por falta de agrupamento de materiais, de contato direto com eles, de interesse de pesquisadores em pesquisar sua história e, claro, pelo fato de ser extremamente recente. No entanto, através do relato anterior, que fora encontrado em um zine⁸ – material gráfico de produção independente – em uma feira libertária, é possível alcançar muitas conclusões acerca da potência das mentiras desenvolvidas e das estratégias para suas manipulações. A começar que o grupo parecia ter a convicção de que não alcançariam um número exorbitante de pessoas, e que essas que seriam alcançadas, dificilmente guardariam o jornal para a averiguação das informações ali retratadas. Talvez a parte que mais desembocasse em atividade prática, seria o que o autor deste trabalho con-

8 Relato encontrado no zine *Guerreie Ilhas* (2014) de autoria anônima e coletiva que descreve cinco ações de interesses próximos que enfrentam o Estado no campo das difusões de ideias. Não se sabe se são verdadeiras ou falsas as informações do zine.

sideraria como não-notícias, ou seja, o passatempo, as propagandas e as charges. É por isso que os passatempos, como as cruzadinhas, continham alguns nomes de um passado relacionado com luta política; que as propagandas recorriam ao sarcasmo e, quando não, a indicação de estabelecimentos reais onde a pessoa poderia ir lá comprar efetivamente algo; e as charges, sem dúvida, extremamente críticas de um sistema político-econômico instituído. Por mais que as notícias fossem passíveis de não receberem extrema atenção, eles tinham consciência que ali contavam uma história e que ela, além de passar a habitar o inconsciente de alguém, ajudava a construir um imaginário de ação rebelde, oposta a passividade política. Tornavam uma luta dita utópica em possível. Sabiam que não deveriam insistir em sua permanência e nem tornar o jornal conhecido, de forma a manterem sua segurança e não terem sua ação cooptada ou reprimida. Isto tudo era estratégia. Estavam a habitar uma espécie de zona autônoma temporária (TAZ).

Abre-se parênteses para um esclarecimento rápido sobre o que é e pode ser uma TAZ. Zona Autônoma Temporária – em inglês se diz Temporary Autonomous Zone (TAZ) – é uma ideia pleiteada por Hakim Bey, historiador, poeta e teórico libertário. A TAZ foi amplamente discutida pelo mundo por grupos libertários, após a publicação de suas ideias em 1985. Basicamente, sua ideia e prática comporta a criação de espaços que não devem ser mapeados e nomeados pelo Estado e, se e quando o forem, devem desaparecer: “como o poder “desaparece”, nossa ânsia de poder deve ser o desaparecimento”. (BEY, 2004, p.72). A TAZ age como um levante e não como uma revolução permanente, ou seja, mais no campo do ataque e fuga, do que na insistência do

ataque, visto que o aparato de proteção e repressão do Estado é absurdamente discrepante para com as ações de grupos rebeldes. Nas palavras do autor:

A TAZ pressupõe um certo tipo de ferocidade, uma evolução da domesticidade para a selvageria, um “retorno”, e ao mesmo tempo um passo adiante. Ela também demanda uma “ioga” do caos, um projeto de ordens “mais elevadas” (de consciência ou, simplesmente, de vida) das quais uma pessoa se aproxima “surfando a crista da onda do caos”, do dinamismo complexo. A TAZ é uma arte de viver em continua elevação, selvagem, mas gentil – um sedutor, não um esturador, mais um contrabandista do que um pirata sanguíneo, um dançarino e não um escatológico. (2004, p.73-74).

No final, a TAZ é quase autoexplicativa. Se o termo entrasse em uso seria compreendido sem dificuldades... compreendido em ação. (2004, p.14).

Ainda nesse contexto da divulgação de notícias falsas e reverberação da epifania de uma TAZ, um coletivo de escritores, que hoje é atendido pelo nome de Wu Ming Foundation, iniciou em território italiano o “Projeto Luther Blissett”, que durou de 1994 até 1999. “Luther Blissett” foi um nome aberto para realizar determinadas ações, ou seja, qualquer um poderia ser Luther Blissett, bastando nomear-se como tal para sê-lo. O principal objetivo do projeto era disseminar histórias falsas, sob a alcunha de Blissett enquanto protagonista, de maneira a revelar a fragilidade do jornalismo da mídia he-

gemônica. Assim, por exemplo, Luther Blissett em 1995, envia uma carta para um dos jornais mais populares da Bolonha e de tendência direitista – com discursos racistas e homofóbicos –, contando a história fake de uma prostituta soropositiva que contamina seus clientes furando preservativos. O jornal, que geralmente recusa cartas anônimas, divulga a notícia, mas afirmando que não é seu compromisso averiguar a verdade – sendo esta a tarefa da polícia – e que foram consultados três especialistas, sendo um grafologista, um psicólogo e um imunologista. Logo após a divulgação pelo jornal, Luther Blissett em um comunicado à imprensa, desmente a história, critica a postura racista e homofóbica do jornal e comenta a debilidade do jornal, visto que é necessário apenas entender minimamente de grafologia para forjar uma carta de notícia falsa e esta ser divulgada sem pormenores.

A conduta do “Projeto Luther Blissett” fora muito parecida com a do coletivo de São Paulo que noticiava insurreições fakes pelo mundo. Ambos não tinham o intuito de durarem muito – aliás, o Projeto dos italianos tinha o plano estrito de durar apenas por 5 anos – mas em deixar o recado de forma aguda e desaparecer. Com certeza, Luther Blissett fora inspiração para os jovens do “Jornal pela Liberdade”. Para além da forma que se utilizaram para as infiltrações da mentira, é importante ressaltar o conhecimento que tinham sobre seus alvos. Sabem o quanto as notícias divulgadas têm repercussão na vida de um cidadão que pretende estar a par dos acontecimentos de sua cidade e do mundo, e o quanto a mídia de massas é um dos braços que impõe o controle de opinião feito pelo Estado. Ao invés de destruírem as agências físicas de notícias – o que não seria ruim – eles pretendem desmorronear sua credibilidade ao perceberem

sua falibilidade e não compromisso intrínseco com os fatos verdadeiros. Para tanto, acaba por ser um processo complexo e que deveria ser articulado em conjunto. Se por um lado pretende-se aniquilar as fontes principais de obtenção de notícias, quem supriria essa necessidade que fora construída nas pessoas? É importante que as mídias subversivas se apresentem como fontes comprometidas com os fatos e passem a habitar o âmbito de pesquisa e confiança daqueles que buscam se informar dos acontecimentos cotidianos.



As frentes de luta devem buscar o alinhamento desordenado mútuo – no sentido da não centralização e hierarquização – para que supram as fendas de desconstrução que cada frente escava. Acusar a polícia de aparato repressor do Estado, por exemplo, torna-se abstrato se não se prova o porquê da acusação e não se apresenta uma alternativa. Se uma frente acusa a polícia, outra trata de evidenciar veridicamente os fatos, outra de compartilhar novas possibilidades de organização. Nessas diferentes frentes, a da mídia tem um papel fundamental de denúncia das opressões e difusão de conteúdos e espaços que revelem outros caminhos possíveis. Essas mídias são as subversivas. (ANA ROSA, 2015, p. 19-20).

Essa vinculação entre as camadas de luta deveria ser articulada. Enquanto um projeto mentiroso busca deslegitimar a grande mídia, outro polo ocupa este lugar com propostas alternativas e honestas de difusão de notícias e, claro, dever-se-ia pensar em todo aspecto de grandeza educativa que essas ações reverberam para o fortalecimento da sociedade.



Figura 4 – Imagem de Luther Blissett.

lecimento da construção de um imaginário amplo de luta. Para tanto, como já fora comentado anteriormente, a mentira assume diversas formas e, enquanto manifestação artística, o que se acredita que também é um ato político, houveram inúmeros artistas interessados em pesquisa-la – como fonte de pesquisa recomenda-se o trabalho de Fábio FON no livro “Mentira de Artista”. No entanto, mentiras direcionadas a destruição do Estado, sabe-se pouco ou quase nada. Talvez justamente pelo aspecto de encará-las como levantes, onde se ataca e desaparece, e pelo pleno interesse de não quererem ser catalogadas. E para aqueles que ambicionam a construção de uma grande mentira ácida e não sabem por onde começar, leiam um conto popular russo inserido no primeiro apêndice deste trabalho.

2.4 AFINAL O QUE É CHARLATANISMO REVOLUCIONÁRIO?

Costuma-se dizer que os charlatões são impostores que usam de diversas artimanhas para enganar e iludir seu público-cliente afim de vender alguns produtos ditos milagrosos. Figura frequentemente associada àqueles vendedores de fim de feira que vendem remédios, pomadas, elixires que curam as mais diversas doenças. Também associado a médicos incompetentes.

Antes de qualquer tentativa de definição do que é um charlatão revolucionário, questiona-se o porquê de existirem charlatões. Por que alguém precisa mentir para vender algum produto ou serviço afim de ganhar dinheiro? Bem sabe-se que infimamente um charlatão é um cidadão bem-sucedido que possui um alto escalão de bens materiais. Geralmente são pessoas humildes com uma grande capacidade de encenação e diálogo com o público, que vendem produtos baratos. Um clown – ou, um palhaço. Se se apropriar da imagem dos charlatões de fim de feira, formando uma enorme roda em torno de sua maleta com frascos de algum líquido duvidoso, cativando os transeuntes com contos e histórias improváveis e arrancando sorrisos em suas investidas, dir-se-á que o charlatão é um seguro artista de rua. A questão da enganação com a venda do produto torna-se coisa pouca. A pessoa acaba, no fim, pagando mais pelo espetáculo do que pelo elixir. No entanto, os fins dos charlatões não são tão românticos, sendo que muitas vezes retornam para seus aposentos sem muito lucro, pois a fama corre e então é necessário se mudar. Um clown, com seus números, fama e fracasso.

Apeguem-se a esta imagem – em uma energia particular do charlatão de Miguel Torga⁹ – para elucidar uma veia de rebeldia consciente correndo pelas veias desse charlatão. O fato é que existem charlatões por

inúmeras e distintas razões: desemprego, o não encaixe em empregos formais, habilidade para comércio, vocação e, também, oportunismo. Mas como seriam esses personagens simples da sociedade contando histórias de natureza transgressora, ainda que relacionados a algum produto, dado que sua fama de mentiroso é de conhecimento do público e ainda assim estes o escutam? Gostam das histórias, das piadas, dos gestos e poderiam continuar gostando se estas contassem sobre a conquista da liberdade. O charlatão cria um espaço lúdico e, no final, seus produtos apenas fazem parte de seu espetáculo. Não deixa de ser um performer. O ponto é que antes o centro do seu trabalho reside na venda do produto; agora, nas histórias. E por que deixaria de vender o produto? Ele faz parte do espetáculo e não há mal algum em receber dinheiro pela performance. Afinal, charlatões também precisam pagar contas. Não é isso que os artistas fazem? **“O artista é um miserável, porque os seres humanos também o são. Artista não é um ofício de poucos, mas antes de tudo uma condição humana”.** (BARRA, 2000, p.15).

Por fim, e no intuito de expandir essa imagem para enfrentamentos múltiplos, imagine se a conduta de um charlatão revolucionário é revisitada por diferentes pessoas. Não se restringindo as rodas em finais de feira, mas nos diferentes espaços da cidade e das situações cotidianas. Não levemente com os companheiros de trabalho ou família, mas com as autoridades e os burocratas da lei. O charlatão que vende uma ideia. Porque para aqueles que simpatizam dos ensejos de liberdade, a troca é fluida, divertida e compartilhada. Já para os descrentes e inibidores dela, a forma de diálogo é outra, sendo que muitas vezes não há nem mesmo diálogo, e alguns grupos militantes se preocupariam com essa parte.

9 **O Charlatão** é um conto do escritor português Miguel Torga. Destaca-se aqui um trecho para ilustrar a imagem sugerida:

“Falava de cima numa cadeira, em pé, ao lado da mesa onde colocara um grande baú aberto. Passeava-lhe um rato branco pelos ombros, e era impossível fugir à magia da enorme cabeleira que lhe coroaava a larga frente de lutador. Só vinha na feira dos vinte e três. Armava a tenda logo pela manhã, e daí a nada tinha já freguesia a beber-lhe as palavras. Da sua voz sugestiva, grave, difundida pelo amplificador, tirava quantas inflexões eram necessárias para encantar homens de todas as terras e feitios”.

Para o charlatão, resta vender a ideia, visto que a língua predominante nos circuitos de dominação é a de compra e venda. Para tanto, o charlatanismo revolucionário não está preocupado em manipular seus clientes para vender elixires para diabetes, mas talvez elixires para a cura dessa doença que é um misto de dominação, de Estado e de capitalismo.

3. NARRATIVAS ORAIS E REBELDES

Este capítulo, justifica, mas não só, as observações quanto a ação de mostrar-se mentindo para o outro, a construção de uma cultura de nova consciência revolucionária e a relação da mentira com as narrativas orais. Sucintamente, é um capítulo que tratará do potencial educativo da mentira rebelde e sua possível estreita relação com a contação de histórias enquanto ofício e prática de um educador. Um capítulo dedicado as crianças, as futuras guerreiras pela liberdade.

Para tal intento, portanto, deseja-se apresentar uma pequena parte das burocracias – pois não cabe a este trabalho realizar uma pesquisa minuciosa de toda a composição legislativa da Educação brasileira – que regem parte da organização estrutural do Ensino no contexto brasileiro. Essa apresentação se encontra na seção de anexos deste trabalho sob a titulação de “Educação além da escola”, um artigo de produção do próprio autor. Isso se faz necessário, dado que é a partir desse conhecimento que se encontram as fendas para as ações que afrontam o poder hegemônico do Estado, seja dentro de uma sala de aula em uma instituição formal de ensino, ou em outros espaços que se configuram direta ou indiretamente como espaços educativos. No entanto, que permaneça registrada a postura deste trabalho frente a preferência por uma educação de bases libertárias e não institucionalizada, ainda que reconhecendo as dificuldades de um processo de desescolarização e o caráter pequeno-burguês que essa opção pode adquirir dependendo dos intuitos de seus feitores. Esteja claro que são ideias em trânsito de transformação e amadurecimento sempre almejando a conquista da autonomia e da liberdade.

3.1 TODOS SÃO OS ESPAÇOS EDUCATIVOS

O anexo “Educação além da escola” explicita de antemão o porquê da preferência aos espaços educacionais não institucionalizados, vista as falhas do Estado em garantir qualquer direito de forma integral para o povo que lhe sustenta. Sabe-se que a desescolarização, embora o termo fora cunhado em 1970¹⁰, ainda compreende uma ideia de difícil absorção no panorama cultural brasileiro. Entretanto, deve-se entregar ao leitor uma perspectiva mais aprofundada acerca da concepção de Educação para além das instituições escolares. Não se restringindo e fixando à desescolarização – inclusive este não é o cerne deste trabalho – mas a noção de que todos os espaços dos quais habitam os seres humanos são espaços educativos.

Quando se escreve um livro, se educa; quando se lê um livro, se educa; quando se procura um livro em uma biblioteca, se educa. O tempo inteiro o ser humano está em constante transformação de si mesmo e do espaço que se encontra. Causam-se entre si, os seres humanos, interferências diretas e indiretas quando circulam pelo

64

¹⁰ A desescolarização trata de educar os filhos fora dos objetivos e regras de vida da escola. É uma ideia que ganhou mais adesão das famílias de classe média e alta, o que é um ponto para ser revisitado, visto que habita o imaginário de privilégios pequeno-burgueses. Para maior contribuição crítica acerca da desescolarização ver os livros *Deschooling Society* (1971) de Ivan Illich, pensador austríaco, e *El Irresponsable* (2000) de Pedro García Olivo, filósofo e escritor anarquista cartageno.

mesmo ambiente. Ainda nesse aspecto, os objetos, os animais, a temperatura, enfim, o ser humano é sensível aos estímulos diversos exteriores a si próprio. Isso os altera, mesmo que em ínfimos graus. Esse é o princípio da ideia da generalização dos espaços enquanto educativos. São educativos, pois por simplesmente causarem efeito mínimo a um ser humano, o transforma. Quando há transformação, há formação, novamente. Formação de seres humanos em seus universos psicológicos, sociais, econômicos, biológicos, ou seja, formação integral do indivíduo, dependendo do estímulo que recebe.



O extraordinário da Educação é algo semelhante a força inevitável das leis naturais, como diria Bakunin. Ela se dá de uma forma ou de outra e quando o ser humano se dá conta dela, o perigo se instaura. Idêntica a natureza. Não podemos nos rebelar contra ela, pois constituem as bases da nossa própria existência, mas conseguimos gradativamente feri-la, esgotar seus recursos, desertificá-la. Assim é também com a Educação.¹¹ (DÍAZ; SÁNCHEZ; VIANA, 2007, p.20).

Entretanto, julgarão que este é um conceito abstrato ao mencionar a interferência da temperatura, por exemplo – há certa dificuldade na cultura ocidental de acreditar que o ser humano é capaz de se formar, também, sem a orientação de um mestre – e a história científica ocidental designou à palavra Educação os critérios da formação do indivíduo em seus aspectos de inserção social e obtenção de conhecimentos, levando em con-

65

sideração os elementos psicológicos, socioeconômicos e biológicos, em ambientes destinados para esse tipo de esforço. Dessa maneira, não necessariamente escolares, os espaços que envolvam educandos e educadores, são espaços dos quais se pratica a Educação: escolas, cursinhos, faculdades, museus com área educativa. Altere-se a conduta deste educador, sendo este um mestre ignorante¹² ou um mestre autoritário, ainda há a presença de um mestre, pois então há Educação.

Não se pretende encaminhar a discussão para a ideia de deixar os recém-nascidos ao léu da natureza das sociedades contemporâneas ou tradicionais e estes por si só terão a capacidade de se orientarem para satisfazerem suas distintas necessidades. Acusarão que a presença da mãe e do pai na formação de uma criança é uma espécie de orientação de mestres aos educandos – partindo do princípio da Educação além da escola. Dependendo dos modos como essas figuras se comportam perante a ajuda que oferecem as crianças ainda em pequena idade, saber-se-á qual conduta se apegam esses ditos mestres. Há uma questão quanto a palavra mestre e isso se aplica dentro das escolas e das famílias também. Se há um mestre e o restante é aprendiz, a hierarquia já está dada. O problema, por fim, não é que haja um mestre, desde que todos sejam mestres e todos sejam aprendizes. Essa linha de raciocínio culminará na consagração do papel de educadores que todos os seres em sociedade exercem uns nos outros. Assim, todos os espaços que esses seres habitam, serão espaços educativos.

Retornando a questão da influência da temperatura, deve-se explicá-la melhor. Se um homem sem muitos recursos à sua disposição enfrenta uma frente fria para além da sua capacidade de se cobrir com roupas, de alguma maneira procurará formas de sanar essa intempérie. Seja cobrindo-se com jornais, aquecendo-se com sopros nas mãos, abraçando uma superfície quente. Enfim, o propulsor da movimentação ocasionada nesse homem foi a alteração da temperatura. Quando este ser se movimenta para solucionar problemas, ele se educa. O ponto é que os diferentes estímulos desencadeiam outros e todos estes podem ser correspondidos, positiva ou negativamente, a partir dos recursos dos quais o ser dispõe em determinado tempo e espaço. Tudo pode ser uma alavanca para se auto educar. Quem dirá para educarem-se uns aos outros.

O grande problema é que o Estado, este que legitima a maneira que o povo deve viver, reconhece como Educação aquilo que ele oferta dentro das instituições de ensino. Qualquer coisa que se pretenda educativa chegar aos seus ouvidos, tratará de burocratizar e alinhar com seus princípios, como fora com o processo de resistência da Colméia¹³. Assim, como comentado no anexo anterior, essas instituições corresponderão aos interesses do Estado, dos quais este trabalho já muito comentou. Aquelas instituições cujos moldes fogem radicalmente desse pa-

12 O mestre ignorante é uma condição de educador discutida por Jacques Rancière, filósofo francês, discutida no livro de mesmo nome (2002). O termo sugere a capacidade de um educador em ensinar aquilo que desconhece, já que a aprendizagem também se dá pela iniciativa de alguém em aprender algo sozinho, sem a necessidade de um mestre explicador.

13 *A Colméia* (2015) é um livro de Sébastien Faure, ativista e pedagogo anarquista francês, que relata os processos de consolidação desse espaço educativo chamado La Ruche (A Colméia). Quando Faure, como diretor, começou a receber os filhos de operários em um sítio para cuidá-los, o Estado se apressou em regulamentar a "escola". No entanto, Faure, depois de inúmeras trocas de correspondências, conseguiu não burocratizar o espaço, sob a alcinha de não ser nem um internato, nem um orfanato e nem uma escola – o que pela lei deveriam ter regulamentação – mas algo semelhante a uma família.

drão, são poucas e tenham certeza que muitos lutaram para elas manterem-se edificadas. No entanto, não deixarão de ser alvo de aniquilação pelo Estado – vide a Escola Moderna nº 1 de São Paulo¹⁴. Todo esse impasse porque o Estado reconhece o perigo que uma educação emancipadora pode lhe oferecer.

Uma educação que tem como princípio, meio e fim a emancipação, perfaz-se na autogestão. Seres que são autônomos para buscarem os conhecimentos que lhe interessem, que saibam onde encontra-los e como manipulá-los sozinhos, compreenderão que não há a necessidade de existir uma grande instituição encabeçada por algumas poucas pessoas responsáveis por lhes garantir a liberdade. Essa não é a verdade sobre os governos? Se vota em um pequeno número de candidatos que se ocuparão, com salários fixos, em cuidar das questões que dizem respeito a garantia digna da humanidade dos seres humanos. No entanto, como esses candidatos saberão das necessidades de cada indivíduo mais do que eles próprios? A emancipação dos seres liberta-os das falsas dependências de outrem e abrem caminho para a livre associação, cooperação e ajuda mútua entre eles, pois sabem que são capazes de se autogerirem. Esse deveria ser o papel da verdadeira Educação, desconhecida propositalmente pelo Estado.

Parte dessa autonomia mencionada desemboca no auto reconhecimento do indivíduo enquanto educa-

dor. Isso confere aos indivíduos conscientes desse fator uma responsabilidade de conduta nas relações sociais, pois a emancipação completa nunca é apenas individual, mas também coletiva. A autonomia de um se complementa na autonomia do outro. Se andares na rua ciente dessa incumbência, saberá do potencial de transformação de consciências que reside em apenas existir em um espaço público. Uma forma não padronizada de se vestir ou de se portar, um tom de voz alterado, uma ação rompedora da lógica das multidões: são atitudes intoleráveis para o padrão de comportamento exigido pelo Estado, pois fogem do seu campo de controle. Investir em ações dessa natureza rebelde deveria ser prática cotidiana das pessoas conscientes de seus âmagos educadores. O charlatanismo revolucionário insere-se aí.

Não é que se condena todas as escolas e os professores que lá exercem sua função. Reconhece-se as implicações que as estruturas da sociedade capitalista alcançam nos indivíduos: a dificuldade de encontrar um emprego que tenha melhor salário, a própria necessidade de se ter um salário, a especulação imobiliária, os preços exorbitantes de produtos menos nocivos à saúde. Para se viver na sociedade capitalista, é necessário vender sua força de trabalho. Enquanto essas bases não se findam, uns mais e outros menos, estão reféns os indivíduos sociais. Para tanto, se alerte aos professores e educadores não-formais das instituições educativas da carga de responsabilidade que adquirem ao cumprirem seus esforços. Novamente, sendo mestres ignorantes ou mestres autoritários, ainda são mestres, e aqueles que estiverem sob sua tutela temporária, os enxergarão assim. Pois afinal, por que nas salas de aula os alunos estão sentados virados para você, que possui uma cadeira diferente do

14 As Escolas Modernas foram experiências de Pedagogia Libertária no mundo, inspiradas pela filosofia de ensino de Francesc Ferrer i Guàrdia, pedagogo anarquista catalão. A Escola Moderna nº 1 de São Paulo foi fundada em 1912. Após a explosão (acidental ou manipulada pela polícia) de uma bomba na casa de uma família anarquista de São Paulo, as escolas modernas foram obrigadas em 1919 a encerrar suas atividades, por apresentarem ameaças a organização política e social do país.

comum, e eles estão a esperar algo da sua parte? Educadores por profissão, comecem por destruir essas lógicas. A emancipação é também um processo de e para si.

Os mestres nas escolas têm o poder de serem figuras extremamente saudáveis ou nocivas no processo revolucionário constante. A mesma capacidade que possuem para libertarem e se libertarem, possuem para dominarem e se dominarem. Para se alcançar a sociedade revolucionária, deveriam todas as consciências serem autônomas. Esse é um processo que se compromissa na Educação. “Aprender com os átomos faz parte do processo de emancipação em reconhecer a não hierarquização de conhecimentos e assegurar-se da capacidade de aprender com tudo que nos rodeia e também por conta própria”. (DÍAZ; SÁNCHEZ; VIANA, 2007, p.115). O professor que se vislumbra ao compartilhar a educação com os alunos de maneira horizontal a reconhecer coletivamente a natureza de maestria e aprendizagem mútua, tanto em forma quanto em conteúdo, tem uma tarefa rebelde e bela em suas mãos. Tem a sapiência de que seus companheiros mais jovens sairão da sala de aula a educarem-se por si só e com apreço. No entanto, saberá este professor do risco que corre de retaliação pelas escalas hierárquicas de trabalho que convergirão, por fim, no cerne do Estado.

70 Sendo esse educador o professor, o orientador de público, o monitor, o transeunte, a mãe, enfim, quem quer que seja, estejam cientes das responsabilidades de existirem no mundo se não concordarem com a forma que ele segue atualmente. Todos são os espaços educativos. Todas são as oportunidades de provocar as autoridades que se impõe sobre suas cabeças. No entanto, tudo comporta o risco da repressão, variando a intensidade

conforme o tipo de ação que se sucede. Já foram comentadas as implicações com a mentira rebelde. O mentiroso rebelde, portanto, é também educador. Como as mentiras se transformam quando se geram de uma consciência preocupada com suas consequências educativas?

3.2 O EDUCADOR MENTIROSO CONTA HISTÓRIAS

Em culturas de tradição oral, os contadores de histórias ganham uma figura de destaque, pois são os responsáveis por carregarem e compartilharem as sabedorias de e com os seus povos. Histórias que revelam a origem do mundo, o nascimento do seu povo, que ensinam como agir em determinada provação, quais responsabilidades se irá adquirir quando mais velho. Essas histórias adentram um espectro muito potente da Educação. É através da palavra compartilhada oralmente que esses povos concentram a maior tarefa educativa. Matos (2014, p.18-19) cita Amadou Hampâté Bâ, escritor malinês e mestre da tradição oral africana, ao dizer que nada melhor que um tradicionalista para nos esclarecer um pouco mais sobre esse fio:

Um conto de tradição oral pode ser percebido em vários níveis. No primeiro nível, ele é puramente recreativo, e seu objetivo é divertir e distrair crianças e adultos. Mas, para as crianças que, por sua vez, o recontam, para seus familiares ou colegas, ele constitui também uma forma de aprendizagem da língua e de certos mecanismos do pensamento.

Num outro nível, o conto é um suporte de ensinamento para a iniciação às regras morais, sociais e tradicionais da sociedade, na medida em que revela o comportamento ideal de um ser humano no seio da família ou da comunidade.

Enfim, o conto é dito iniciático na medida em que ilustra as atitudes a imitar ou a rejeitar, as armadilhas a discernir e as etapas a vencer quando se está engajado no difícil caminho da conquista e da realização de si mesmo.¹⁵

Desde a década de 1970, os contadores de histórias voltaram a aparecer com maior frequência, principalmente nos meios urbanos (MATOS, 2014, XVII). Essa prática milenar, ainda que com certa dificuldade de adesão do público em geral, tem alcançado, desde então, maior espaço receptivo entre as pessoas. Muitos espaços de lazer, centros culturais, museus, abraçaram essas propostas e começaram a convidar esses artistas para contarem suas histórias e histórias de outrem. Esses contadores contemporâneos possuem em sua prática uma natureza bastante distinta daquelas dos contadores tradicionais, inclusive em respeito ao aspecto educativo. Embora muitos tenham ciência da dimensão pedagógica que um espaço lúdico de contação de histórias pode adquirir, a prática contemporânea geralmente está mais conectada com seu âmbito artístico e de entretenimento, do que propriamente com a Educação. Ainda assim, é raro de se encontrar pelas ruas os contadores de histórias. O autor deste trabalho acredita que existem muitos, nos

bares, nas esquinas, dentro das casas, nas filas do mercado. Mas contadores, conscientes do seu ofício, pouco se vêem nas zonas caóticas da cidade a compartilhar suas narrativas. “No Brasil, (...) reconhecemos que, nos rincões profundos, onde a oralidade continua sendo o principal veículo de transmissão de conhecimentos, o conto e os contadores não chegaram a desaparecer por completo”. (MATOS, 2014, XX).

O ponto que abre esse subcapítulo é a breve distinção – para tanto, uma das mais importantes para o intuito deste trabalho – entre os contadores de histórias tradicionais e os contemporâneos. Se propõe a percepção do encantamento que as histórias do contador tradicional adquirem quando são verbalizadas no intuito de se construir uma cultura identitária com o indivíduo; se propõe reconhecer o ato político do contador contemporâneo ao ocupar as instituições e, ainda com mais potência subversiva, os espaços das ruas ao resgatar parte de uma tradição de cultura oral em uma sociedade que aos poucos vem excluindo essas narrativas. É importante ressaltar os aspectos consequentes e integrantes do processo de se contar uma história de narrativa oral: um espaço lúdico toma conta dos envolvidos ampliando os poderes da atividade da escuta e da memória – ao reconhecer que tal história deve não estar em livros, mas presente apenas naquele momento – conferindo um caráter de plena atenção dos contadores e dos ouvintes, que ambos estão se educando.

Quando uma história entra em cena, o espaço lúdico instaurado abre um espaço provocativo e reflexivo para inúmeros questionamentos decorrentes dos meandros do enredo. Matos (2014, XXI-XXII), ao elucidar seu interesse pela contação de histórias, relembra de sua in-

15 O presente trecho pode ser encontrado em HAMPÂTÉ BÁ, Amadou. Contes initiatiques Pels. Paris: Stock, 1994(b), 396pp.

fância: “quando a atmosfera se transformava em grave e solene, e o silêncio somente era quebrado pela voz do contador que sabia imitar, com maestria, os sons da floresta, a voz de cada um dos personagens, os gemidos do outro mundo”. Dependendo do que e como se quer contar, as reações dos envolvidos sempre será diversa, mas não distante da temática narrativa. O que está sendo levantado é que independente da história comportar dragões ou homens, ser fabulosa ou verossímil, a história é apropriada pelo ouvinte e este se coloca diante dela criticamente. Aquilo agora faz parte da vida dele. Surtindo resultados positivos ou negativos, isto nunca é integralmente previsível, embora estatisticamente ponderado. Pode-se contar uma história que ironize os costumes burgueses e os burgueses provavelmente se ofenderão; os pobres, talvez rirão. Existem hipóteses de reações mais prováveis e outras não. Isso não significa manipulação, mas atenção e escuta para com a mensagem e o destinatário. **Guaraco (2009, p.85) diz “conte ao patrão da fábrica uma história de uma greve vitoriosa e ele passará a desconfiar de você; conte aos grevistas a mesma história e seus ânimos se exaltarão.** Conte a um morador de rua uma história de como você conseguiu comprar três carros e ele debochará de você; conte a mesma história para os imundos da alta sociedade e eles se rirão e contarão as suas de como conseguiram comprar também”.¹⁶ É sobre todos esses aspectos que o educador mentiroso dever-se-ia apegar: preocupação com a ocupação do espaço lúdico e campo de alcance das reações dos indivíduos perante as narrativas.

74

O educador mentiroso que está sendo comentado, antes de tudo, é mentiroso por acreditar em uma mentira. Como já fora ressaltado se o que é verdade é esse desrespeito com a Educação que o Estado se prostra, então a Educação pela e para a libertação é mentirosa, pois é o oposto dessa verdade. O educador mentiroso conta mentiras ao se comportar de forma horizontal nos espaços educacionais e educativos, por assumir uma conduta que se preocupa com os meios pela conquista da liberdade. O educador mentiroso é um contador de histórias. Como muitos contadores de histórias se apropriam de farsas e ficções – anteriormente comentado que também são formas de aplicação da mentira revolucionária – de conteúdo que preserve alguma insinuação de sabedoria ética e moral e isto não confere uma problemática antiética para seu ofício, o educador mentiroso tem muito a aprender com eles. Que narrativas um mentiroso rebelde quer compartilhar?



Contar a distopia, contar o apocalipse, contar a guerra, contar os tornados. Há certa beleza em enxergar um mundo em declínio. Vê-lo se desfazer é ter a permissão de imaginá-lo reconstruído. Dessa vez de uma maneira diferente. Contar o desastre, é também contar a utopia, contar a gênese, contar a paz, contar as brisas.

75

Como diria Durruti¹⁷:

“A ruína não nos dá medo. Sabemos que não vamos herdar nada mais

17 Buenaventura Durruti foi um sindicalista e revolucionário anarquista espanhol, figura de destaque na Guerra Civil Espanhola, falecendo em 1936. O trecho citado por Guaraco faz parte de uma entrevista de Durruti ao jornalista Van Passen, em 1936.

que ruínas. Porque a burguesia tratará de arruinar o mundo na última fase da sua história. Porém, nós não tememos as ruínas, porque levamos um mundo novo em nossos corações. Esse mundo está crescendo nesse momento”.¹⁸ (GUARACO, 2009, p.30-31).

76 Não é o intuito deste trabalho julgar de maneira negativa as diversas histórias que já rodam o mundo há tempos, como os famosos contos de fadas. No entanto, quais seriam as referências de uma criança se desde o seu berço as histórias que lhe foram contadas tinham como cenário o próprio mundo real com todas as suas misérias e os protagonistas fossem mulheres e homens pró insurreições? As histórias tais como cotidianamente são, não já lidam com conflitos e tratam de uma natureza, ainda que humana, mas de certa maneira distante do que se vê aos pés da realidade? E se os heróis não forem homens, cheios de beleza e virilidade, salvadores dos menos favorecidos, capazes de derrotar o dragão, mas fossem elas, as heroínas, mulheres negras e pobres, que juntas param as fábricas e depõe um governador? Como seriam esses contos, também carregados de sabedorias, também fantasiosos – ou mentirosos – que trazem para sua força motriz a conquista da liberdade, para além do berço e dos livros, mas para o cotidiano das vidas? Histórias nessa atmosfera crítica podem ser visitadas no anexo “Formigas” e no apêndice “Galinhas”.

As histórias podem incorporar uma sabedoria insurgente e colaborar para a ampliação dos horizontes de formação de um novo ideal de mundo na cultu-

ra imaginária das pessoas. Uma espécie de destruição dos ícones cenográficos e das personagens capitalistas componentes dos sentidos comuns das narrativas para a construção de novos enredos mais factíveis e inflamáveis para com o universo cotidiano e possível (GUARACO, 2009). Uma tentativa de desinteressar o consumo pelas ficções massivas televisionadas para a incitação dos ânimos rebeldes e para o compartilhamento de contos de liberdade. Isso é uma tarefa a ser horizontalmente ampliada aos espectadores-educadores e educadores-espectadores. Assim, até chegar ao ponto que as conversas de bares, de elevadores, de filas de espera, tenham em seu repertório, dentre todas as mais variadas, histórias de ação direta, palpáveis e fabulosas, contra todas as opressões e pela libertação das vidas.

Por fim, o interesse nas narrativas orais está em reconhecer a sua potência educativa de reflexão e formação de sabedorias mútuas. Ainda que as histórias pareçam ciclos fechados, quando estas são contadas por outros contadores, adquirem novas minúcias, sendo infinitas as possibilidades de espelhamento entre as pessoas e as histórias. Com insistência se afirma a necessidade de valorização do espaço lúdico que o intervalo de espaço-tempo de uma contação de histórias inflama. Que esses espaços sejam cultivados pelos educadores em todas as oportunidades de relações em uma experiência educativa, para assim se preservar o ambiente do jogo que aguça as percepções dos sentidos perante as sutilezas dos diálogos, das reuniões, dos contos, das mentiras.

77

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho nunca foi determinar uma verdade absoluta e designar o caminho mais correto para se apropriar dos mecanismos de luta contra o Estado. Claro, para um projeto teórico que atesta a dicotomia entre verdades e mentiras, nada mais honesto que desejar que os campos de imaginação se expandam para a libertação de novas verdades. Para tanto, fora necessário declarar criticamente o que é exposto como verdade predominantemente nos circuitos de pensamentos das pessoas que habitam um território sob a égide de um Estado na cultura ocidental. Como coerente de um texto de orientação libertária, existe sim a denúncia das mentiras das estruturas opressoras, que perduram há tempos. Entretanto, dadas as acusações dos ferimentos que essas estruturas inferem sobre a humanidade, ainda que de forma firme pela escrita, se afirmam algumas formas de enfrenta-las, mas não restringindo o espectro da luta revolucionária. Portanto, como é decorrido pelas páginas anteriores, uma dessas formas pode ser a mentira.

Deve-se lembrar que o desejo desta pesquisa nasce da observação de como as formas tradicionais de luta da esquerda já há tempos vêm sendo facilmente cooptadas e silenciadas pelo Estado. Como se expandiriam as possibilidades de subverter a ordem imposta sem a pretensão de tomar o lugar das já conhecidas, mas também em conjunção com elas? A mentira entra nesse contexto, sendo que ela nunca foi muito explorada, talvez pela inquirição que lhe é feita acerca de ser um ato antiético, ainda que reconhecendo a antiética prévia dos sistemas

que afirmam serem garantidores da liberdade, mas que na realidade a enjaulam. Em contraposição, quando a dupla de ativistas The Yes Men constrói uma personagem porta-voz de uma megaempresa, simulam uma história que sobrevive apenas poucas horas, mas conseguem ferir uma parcela significativa das ações desta empresa, os horizontes da liberdade ficam mais próximos. Quem poderia garantir que uma ação de mesmo cunho com outra empresa não poderia leva-la a falência?

Não necessitando restringir-se ao exemplo icônico desta dupla, o que o conto russo do mujique, por exemplo, pode ensinar? Este conto recupera um dos aspectos importantes de ação cotidiana de um rebelde que é a ironia. Satirizar os bons costumes, o embrutecimento das autoridades e as pequenas opressões, reanimam o espírito de liberdade e ferem a dignidade dos prisioneiros. Não se pretende ferir a dignidade humana, que se acredita que todos são capazes de a conservarem, mas aquela falsa dignidade arcabouçada sob a falsa conduta programada que julgam que é estritamente certa. A ironia, a sátira, a farsa, bem ou mal, podem arrancar uma risada, e nada mais democrático entre os oprimidos do que mutuamente enxergarem os seus ridículos perante a enorme insensatez dos moldes de vida impostos. É por isso que o mujique se diverte. Ele prevê a cobiça cega do grande proprietário e a idolatria tola dos seus companheiros. A mentira foi a parte mais simples.

Fora exposto detalhadamente caminhos para a construção e aplicação de uma mentira de ataque – novamente ressalta-se que não é o intuito hierarquizar os oito pontos mencionados e tampouco petrificar a orientação proposta. Esta foi uma maneira que o autor encontrou a partir de suas experiências e decidiu compartilhá-la,

dado que pouco se encontra de pesquisa da mentira dentro do campo de conhecimento das artes e, ainda mais específico, da arte e da luta política, não apenas arte-política. Entretanto, nesse aspecto, se conclui que o campo de aplicação é bastante amplo, sujeito a inúmeras variantes imprevisíveis e nitidamente propenso a ser interrompido, censurado e reprimido, visto as atitudes históricas que o Estado toma frente aos seus dissidentes. Assim, pode-se dizer que o charlatanismo revolucionário é uma imagem visual e de conduta mais fielmente presente no próprio termo do que na tentativa de seu destrinche teórico. O tratado teórico da mentira revolucionária, portanto, afirma-se como uma proposta de dissecação cerebral, comprometido, inicialmente, com a jornada de consagração de alusões absurdas tendentes a aniquilação das estruturas opressoras. Afinal a mentira é quem pode notabilizar os impossíveis.

Ainda no seio do charlatão revolucionário, se enxerga a conexão com o contador de histórias – mais próximo dos contadores urbanos e contemporâneos – e, conseqüentemente, com as figuras conscientes dos educadores. Conscientes, pois acredita-se que todas as pessoas são educadores, sendo que algumas assumem veementemente essa posição. Da mesma maneira que se acredita que todos são artistas, mas alguns decidiram dedicar mais horas de seu dia a isso (BARRA, 2000). O que é pensar em uma figura tão costumeiramente associada a antiética, o charlatão, como um educador? A riqueza está, para além dos excertos transcritos neste trabalho, no próprio exercício de estabelecer contato, na primeira vista, entre essas incompatibilidades. Munição de narrativas rebeldes, os charlatões com suas famas nas praças e feiras da cidade, nada mais fariam do que

potencializar o espaço lúdico, que já é estabelecido mesmo sem uma postura libertária, e a experiência educativa para as construções desses ideais de liberdade. Um ponto de diferença entre eles e o ofício dos contadores de histórias, é que os charlatões também podem alcançar aquela parcela das pessoas que se interessam, em um primeiro momento, pela propaganda de algum produto.

O fator em comum entre esses três ofícios (charlatão, contador de histórias e educador) reside no fato da aquisição de uma postura de autoridade em algum assunto, ainda que estes não se autoproclamem dessa maneira, pelas pessoas envolvidas em alguma atividade com eles. Isso significa que quando um educador fala, mesmo com dificuldades de interação com uma turma, o que ele fala, muito frequentemente é tido como verdade; quando um contador de histórias narra um conto, ele é tido como valioso e digno de muita atenção; agora, quando um charlatão vende algo, ele é desconfiado, mas não ignorado, pois sabe-se que aquela pessoa possui muitas histórias, truques e piadas, capazes de encantar alguém. O que eles podem fazer com esse poder na mão? Claro, coisas desastrosas, como muito já se viu em escolas de conduta rigorosa e fundamentalista, por exemplo. Ao passo que o inverso, é mais desastroso ainda, mas não para os envolvidos, e sim para o Estado. Quando uma figura de autoridade nega o poder que lhe foi dado – sendo nos casos dos exemplos, um poder dado pelos envolvidos – ela rompe um pressuposto, e a novidade é compartilhada. Como se sabe, toda novidade é mais alarmante que qualquer comum notícia. Então, quando o educador se revela aprendiz, o contador de histórias apresenta-se como um cidadão comum que proseia anedotas, e o charlatão um permutador de ideias, as lógicas se invertem.

O princípio da autoridade é cortado, os horizontes se igualam, a novidade anima e a liberdade se aproxima.

A autoridade, representada pelo Estado, já não necessita ser imposta de maneira radical, posto que se encontra penetrando-se sem paliativos, desde o entorno sociofamiliar, cotidiano e imediato. Então, as trocas educativas, os projetos educativos como dinâmicas evolutivas, não necessitam ser radicais em suas exposições, simplesmente, podem até ser evoluídos, porque a base do fim educativo, tal e como a sociedade e as superestruturas necessitam, são transmitidas de forma completa por essa sociedade que é a melhor escola, que melhor educa e, pela sua ausência de crítica, melhor permanece e mais pode perdurar.¹⁹
(LUENGO, 1993, p.27).

Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana, em uma palestra no TED²⁰, sob a chamada de “O perigo de uma história única”, diz: “Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente”. O que vem ocorrendo a muitos anos é, primariamente, a ocultação e então, gradativamente, a exclusão de muitas histórias para o predomínio de uma só. Essa história única que é

19 Tradução livre do espanhol pelo autor deste trabalho.

20 A palestra pode ser acessada no link <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>>. Data de acesso: 16/10/2017.

de um passado colonial, branco, heteronormativo, patriarcal, misógino, homofóbico. Assim, as histórias que incorporam aqueles seres que não habitam esses padrões, constantemente vêm sendo apagadas e, se lembradas, são tidas como menos importantes, perigosas, vulgares. É papel da educação pela liberdade trazer essas histórias à tona, em um projeto de educação contra-hegemônica ou deseducação, já que o que chamam de Educação apenas distancia os seres da liberdade para torna-los eternos dependentes da falsa segurança das asas da autoridade.

Repare-se que o tratado teórico da mentira revolucionária – cabe aqui ao retomá-lo observar o caráter irônico de sua expressão – é aplicável em qualquer situação que esteja estabelecida uma hierarquia. Entende-se por hierarquia a institucionalização da autoridade dentro de uma sociedade.

As instituições hierárquicas fomentam relações exploradoras e alienantes entre os que participam delas, provocando a impotência nas pessoas e distanciando-a de sua própria realidade. As hierarquias fazem com que uns dependam de outros, que culpem o dependente pela sua própria dependência e depois que usem essa mesma dependência para justificar o exercício de ainda mais autoridade. (...). Aqueles em posições de dominação relativa tendem a definir as características daqueles que lhes são subordinados. (...). Os anarquistas sustentam que o fato de estar sempre em uma posição subordinada e de nunca poder agir por si próprio é estar condenado a um estado de dependência e resignação. Aqueles que são constantemente mandados e impedidos

de pensar por si mesmos prontamente chegam a duvidar suas próprias capacidades (...) [e terão] dificuldade de atuar por sua própria conta contra as normas sociais, os padrões e o que se espera deles.²¹ (ACKELSBURG, 2004, p.19-20).

Essas situações podem se dar em uma instituição escolar, na família, na fábrica, na junta de alistamento militar. Para cada espaço, uma consequência diversa, de maior ou menor grau de risco, pode culminar. Portanto, recordar-se-á, sequencialmente, os oito pontos do tratado, para torna-los a relacionar com sua aplicação em outros espaços: primeiro, tomar a mentira como manifestação artística; segundo, a mentira deve ser inteiramente adaptada ao lugar em que for feita; terceiro, conheça seus alvos; quarto, parte da mentira deve possuir conteúdos factíveis, existentes; quinto, dê importância para os invisíveis e mortos pelo Estado; sexto, muna-se de argumentos para a sustentação da mentira; sétimo, tenha consciência de que a mentira será desmistificada; oitavo, admita-se mentiroso.

O tratado teórico é fruto de um exercício de organizar ativamente a estrutura de uma história ficcional, desde a sua concepção até sua narração, para investigar as conquistas no âmbito prático da vida que esta história pode resultar. É necessário que o leitor se desapegue da atmosfera antiética e oportunista que a palavra “mentira” pode suscitar. Como reafirmado inúmeras vezes neste texto, inclusive ao subverter a figura do charlatão para um ofício de transformação social, o intuito da mentira

é desafiar os alicerces das estruturas de opressão. Não se enganem ao imaginar um educador ludibriando seus alunos em sala de aula. Deve-se reconhecer que a mentira também habita em ínfimas situações. Ao invés de contar uma ficção sobre a conquista de castelos por um poderoso rei, por que não contar a conquista dos plebeus em destronar um rei tão poderoso quanto o primeiro? O quanto das histórias cotidianas contadas pelas pessoas dentro de um trem não possuem um grau de ficção para tornar a história mais interessante? Isto também são pequenas mentiras. Não há nenhum problema quanto a isso. O ser social tem um impulso por criar. É um artista. Trata-se, portanto, de reservar parte desse impulso para a criação de falácias destruidoras. “A ânsia de destruir é também a ânsia de criar”, como diria Bakunin.

4.1 AUTOCRÍTICA

É importante olhar para si constantemente para reconsiderar as práticas e as ideias que habitam seus princípios. Isso fortalece o campo de interesse de estudo e o traz cada vez mais para perto do cotidiano e das demandas dos tempos de hoje. O mesmo ocorre para com este trabalho. Relê-lo é parte importante para investigar os espaços de ação que lhe são cabíveis, sem ocupar o lugar de fala de ninguém e nem tomar a frente de alguma luta como verdade absoluta. Encontrar as etapas cabíveis de interação para com outras ações que são coerentes aos mesmos princípios. Assim, se organizar e fazer parte de uma grande cooperativa de grupos que agem em conjun-

to em diferentes regiões, desde o suprimento de vácuos de direitos humanos onde o Estado falha em preencher, até táticas de luta sindicalistas que tragam prejuízo cognoscível para as estruturas capitalistas. É nesse meio que a mentira deveria se apresentar enquanto proposta de enfrentamento. Isoladamente está passível de parecer-se cada vez mais como uma obra de arte que se distancia do grande público para habitar as grandes salas de homens ricos. Uma obra particular. Sem relevância social.

No entanto, admitem-se as possíveis críticas realizadas a este trabalho de se parecer com um anarquismo de estilo de vida. Algo próximo ideologicamente dos neossituacionistas, dos piratas em busca de zonas autônomas temporárias, dos artistas nômades. Ainda que pareça um trabalho extremamente cuidadoso em formular uma mentira revolucionária e isso comporte muitos riscos para o artista, não seria lá perda de tempo dedicar-se a essa tarefa ao invés de integrar um grupo operário de ação direta? Esse é um ponto importante para considerar, dado que, embora se fale que a revolução social vai se consumando no tempo, as ações devam ser urgentes. Afinal, enquanto um coletivo de artistas mentirosos cria ladainhas, um número considerável de pessoas ainda se encontra em estado de miséria absoluta.

Essas posturas modernas e vaidosas, quase todas resultado de uma moda yuppie, são individualistas principalmente por serem antiéticas ao desenvolvimento de organizações sérias, de uma política radical, de um movimento social comprometido, de coerência teórica e de relevância programática. Mais voltada à busca da “autorrealização” do que das transformações sociais fundamen-

tais, essa tendência entre os anarquistas de estilo de vida é nociva, na medida em que seu “virar-se para dentro”, utilizando a expressão de Katinka Matson, reivindica ser política – ainda que isso se assemelhe à “política da experiência” de R. D. Laing. A bandeira negra – que os revolucionários do anarquismo social levantaram nas lutas insurrecionais na Ucrânia e na Espanha – torna-se agora um “sarongue” da moda, para deleite de uma chique pequena burguesia. (BOOKCHIN, 2010, p.67).

Por outro lado, deve-se reafirmar que o intuito desta mentira revolucionária é agir em conjunto com as tradicionais formas de luta. Então perguntarão novamente: para que perder tempo? Como as formas tradicionais já ganharam ranço de diversas partes de opiniões e são, em certa medida, conhecidas pelo Estado e, portanto, mais facilmente confrontadas por ele, a mentira, enquanto manifestação artística, carrega consigo um estandarte de novidade. Uma ação teatral, obviamente, possui um outro poder de recepção comparada a uma sabotagem, ainda que estas possam ter pontos em comum. As artes, no geral, são recebidas de uma maneira diferente. E é também por isso que existe o anarcopunk, o teatro anarquista, os bufões contemporâneos, as ficções cyberpunk²². As diferentes linguagens artísticas ajudam a compreender a origem das mazelas sociais e tem a

capacidade de incitar uma chama de rebeldia para uma ação transformadora. Em atos públicos não existem suas fanfarras entoando canções de luta? É nesse espectro da criação artística, da formação do senso crítico, da não alienação e do ânimo, que a mentira revolucionária deve habitar.

Ainda por vias dessas considerações autocríticas, a mentira revolucionária tem um certo ar de sarcasmo. O próprio título deste livro “Uma ode a mentira para a destruição do Estado” pressupõe uma grandiosidade ambiciosa que o próprio texto não dá conta. No entanto, essa forma espetacular de especular as criações contra-hegemônicas é uma forma de satirizar a própria sociedade do espetáculo, regimentada pela mercadoria e pelo Estado. É jogar alto com minúcias. Inclusive, isso sustenta um pilar de performance dado que uma mentira em sua máxima potência de ação pode sequer alcançar muitos objetivos, mas ela se apresenta com veemência, fortificada e pronta para as consequências. E ela é apenas uma mentira. Esse contraste de pequena ação para grandes objetivos, quer ironizar o ridículo de um sistema que é sustentado por hábitos, desejos e linguagens palermas de poucas pessoas. Portanto, outro aspecto da mentira revolucionária, a respeito da crítica de ser julgada como anarquismo de estilo de vida, é reconhecer-se como potência de provocação ácida, antes mesmo de ser de transformação. Sendo assim, ela pode ser uma prática cotidiana ou de criação efêmera, da mesma maneira que se sai para apreciar um espetáculo de música. Afinal, não é necessário sempre sacrificar sua vida pela luta, sem nunca festejar as pequenas conquistas com os companheiros. Como diria Emma Goldman, anarquista lituana: “Se não posso dançar, esta não é minha revolução”.

22 Anarcopunk é o nome dado a vertente do movimento punk adepta ao anarquismo; teatro anarquista é tido como uma prática social do movimento libertário, atuando geralmente nas festas operárias; os bufões contemporâneos são os palhaços grotescos e “sem modos” que escancaram as misérias e hipocrisias da sociedade com humor ácido; cyberpunk é um gênero literário de ficção científica que tem como enfoque “alta tecnologia e baixa qualidade de vida”.

A outra seção deste trabalho passível de receber severas críticas é a opinião acerca do que é Educação. Ao dizer que todos são os espaços educativos e todos são os educadores, pode-se afirmar que o texto é extremamente relativo, pouco objetivo e pasteuriza as histórias das conquistas de direitos da Educação e dos educadores, tornando esse campo de estudo diluído. Afirma-se, nesse quesito, que em nenhum momento se diz que os educadores não devem pesquisar e estudar o que já foi e o que se conhece por Educação hoje e, muito menos, de não se munir de estratégias, didáticas e pedagogias para o de suas profissões. Reitera-se que admitir todas as pessoas como educadores é dar-lhes um compromisso cotidiano que lhes incumbem a percepção da necessidade de relações respeitadas e solidárias e, que dessa forma, estamos nos aproximando da humanidade paulatinamente, sendo essa tarefa não só encargada pela família e pela escola. Pois, se o objetivo da escola, pelo menos a ideal – de formação de seres autônomos, capazes de buscar conhecimento por si mesmos – é emancipar os sujeitos, o quão vantajoso e genuíno não seria se as pessoas se empenhassem mutuamente para alcançar tal objetivo. Conceber os milhões de estímulos externos a nós como potência viva educativa é uma opção para um primeiro passo a se identificar educador. “Se o todo pode educar, o todo é educador. Se somos partes do todo, somos educadores. E que grande responsabilidade se ganha ao se dar conta disso”.²³ (DÍAZ; SÁNCHEZ; VIANA, 2007, p.25).

Vistas algumas das possíveis críticas e reconhecendo suas parcelas de validade, deve-se ter o compromisso de defender o que pode haver de novidade

ou reiteração de novas ideias neste trabalho. Por mais que inúmeros grupos, desde o século passado, já vêm realizando efetivamente diversas ações conjuntas que mesclam manifestações artísticas com orientação política anticapitalista, como o Provos, o movimento Reclaim the Streets, os Situacionistas²⁴, a convocação para a construção de uma mentira revolucionária, ainda que não seja estritamente novidade, é uma proposta fiel ao caráter de potência criativa e irônica, que sob a premissa de ser uma mentira, pode abarcar todo um universo de inventividade, portanto, de novidades. A mentira rebelde que pretende desmascarar uma mentira que se diz verdade, mas é manipuladora e opressora, para a emergência de uma verdade libertadora. Esse é o caráter dessa mentira e esse deveria ser seu objetivo. Se for alcançado, será indiscutível a fibra transformadora dessa ação, que a princípio parecia servir apenas como forma de provocação e erupção de uma vontade criadora.

Quanto a perspectiva educativa, ela é um ponto de vista que parte da prerrogativa que horizontaliza o educador-educando e educando-educador. Essa é uma concepção presente não apenas na Pedagogia Libertária, mas nos circuitos das tantas outras pedagogias alternativas, preocupadas, pelo menos em teoria, com a autonomia do aluno. Fala-se que este não é uma página em branco da qual o educador vai preenchendo diariamente com seu conhecimento, mas que há uma troca de experiências constante entre os dois, tornando-os mutuamente educadores e educandos. “O bom ensino é mais um proble-

24 Para saber mais informações sobre os Provos, Reclaim the Streets, Situacionistas e outros movimentos de intersecção entre arte e política, ver os livros da Coleção Baderna da antiga Editora Conrad e da atual Editora Veneta.

ma de dar água à planta – possibilitando que ela cresça a partir de suas próprias capacidades – do que encher um vaso com água (um pensamento nada original, devo dizer, parafraseado dos escritos do Iluminismo e do liberalismo clássico). (CHOMSKY, 2011, p.120). A opinião deste trabalho nada mais é que levar as últimas consequências esse ideal. Se dentro de uma sala de aula educadores e educandos o são vice-versa, o que os impediriam de o ser fora da sala de aula? Seriam os livros didáticos, a lousa, carteiras e a ideia de se estar em um espaço destinado a aprendizagem? É certo que muitas dessas pedagogias constantemente, por exemplo, vêm questionando a necessidade de se terem carteiras ou, simplesmente, de a configuração delas serem em filas e, até mesmo, a necessidade de propriamente haver uma sala para a aula. Acreditar que todos são os espaços educativos é atravessar os muros das escolas e aceitar que estamos nos formando o tempo inteiro, ao sermos educadores e educandos, trocando experiências e conhecimentos mutuamente. E claro, isso não significa que é uma opinião particularmente a favor da desescolarização e tampouco prega a destruição de todas as escolas. É apenas uma forma de conceber a extensão da sala de aula para as ruas, sendo o mundo uma grande escola.

4.2 UM CONVITE A FARSA

Até este momento não se definiu o que é uma ode, esta tal que está presente no título do trabalho e que pode atrair leitores pouco familiarizados com o conteú-

do político presente, mas próximos da literatura poética. Uma estratégia para o abarcamento de diferentes públicos. Por definição sintética, uma ode é uma composição poética lírica que pode ser cantada ou declamada que costuma glorificar algo ou alguém. Em partes, este trabalho não deixa de o ser ao enaltecer a mentira, expondo suas possíveis maravilhas, mas também não é uma ode, ao não corresponder ao aspecto formal que lhe é definido, uma poesia lírica. Isso torna o trabalho, a princípio, ou seja, desde o seu título, uma feitoria coerente de via dupla: ao chamar de ode aquilo que não é, estás mentindo e, ao mesmo tempo, ironizando, pois afinal se classifica eruditamente aquilo que não se pretende ser. O ponto é que o título se faz coerente no decorrer do texto, ao formalmente se apropriar daquilo que se estás propondo em seu conteúdo. E isto é apenas o título.

Quanto a esta última seção, menciona-se outro termo utilizado na literatura. A farsa é um termo usado principalmente para indicar alguma ação que seja essencialmente mentirosa, mas também para designar aquilo que é engraçado ou ridículo. O curioso é que a farsa também pode ser referida a uma peça de teatro cômica. Não deixa de estar próxima a ode aplicada neste trabalho, pois abarca a mentira e o aspecto burlesco. O ponto que se faz comum ao mencionar a ode e a farsa, agora, para além do campo teórico, e imergindo nas desembocaduras práticas, é o caráter performático das duas, também coerente com as proposições do tratado teórico. E é nesse espectro integral que se apela ao convite. Tanto a ode, que pode ser cantada ou declamada, quanto a farsa, que pode ser encenada, incorporam a performance no corpo do sujeito autor da mesma. É o misto da consagração da mentira rebelde, através de um fazer performático, ao reconhecer a

imensidão pretendida no objetivo, incompatível com os limites de alcance dessa própria mentira, mas mesmo assim, aceitando o risco de suas consequências, conferindo a toda esta trama uma personalidade irrisória. Um tanto quanto complexo textualmente, mas mais facilmente compreendido em ação.

O convite se faz nesse contexto. Um convite a farsa para enfrentar as opressões cotidianas, norteadas pela utopia do desmoronamento da grande estrutura de interesses aprisionadoras do Estado. Ao passo que se sonha com a liberdade, e lutar efetivamente por ela também comporta ações de maior organização política, a farsa é satirizar as personificações do Estado nas autoridades, é rir do seu próprio ridículo que fora entregue aos prazeres do capitalismo, é espalhar boatos de que em algum lugar do mundo chegaram a tocar a liberdade, é negar o poder, é ser por vezes inconsequente só para ver no que vai dar. Assim, lembrar-se de que como cada uma dessas ações comportam um grau de autoeducação e referencial educativo externo a si, pois revela-se mentindo, mas que está crente nessa mentira, e o que de certa forma, angaria a sua pessoa um protótipo de alguém que busca a liberdade. Não a liberdade tola; aquela se expõe de forma burlesca, mas revela o compromisso com a manifestação da verdade.

Que o farsante preze pelas histórias avessas aos padrões de forma e conteúdo da burguesia. Não se quer mais referenciais de uma história que no mundo real só é possível de se passar em um lugar de privilégio de algumas poucas pessoas, uma história única. A farsa é também imbuir o seu próximo de farsante, para que este também conte histórias – o que na verdade já acontece, pois todos contam histórias a sua livre maneira. Mas que essas

histórias devaneiem o novo mundo nos mais ínfimos atos, ainda que seja uma história curta contada na bancada de um boteco. É construir um imaginário ficcional capaz de sonhar com a liberdade e não restrito aos cárceres impostos pelos ditames dos patrões. É compartilhar essas histórias com as crianças, para que as histórias de ninar adentrem os sonhos em que elas são as protagonistas na transformação do mundo e que ao acordarem, o sonho se demonstra palpável. Muito se tem para aprender com o ânimo da infância e da criação de universos possíveis pela imaginação dos pequenos.

Por fim, ser farsante é acreditar com ardor na mentira. Essa mentira que é antes de tudo o oposto dessa verdade. Essa mentira que aceita a acusação de ser antiética para cobrar dos recriminadores de fato o que é ético. Essa mentira avessa a verdade sustentada pelos concentradores de riqueza e poder que de verdade só persiste o fato de manipularem a História para justificarem seus acúmulos de opressões de diversos gêneros. Essa mentira que contempla a liberdade congregada entre os seres humanos, sem pátrias e sem patrões. Esse é o paradoxo da mentira revolucionária. Esta é a mentira²⁵.

25 Adverte-se ao leitor que este trabalho contém algumas pequenas invenções. Cabe a ele, se desejar, descobrir o que é e o que não é mentira.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKELSBERG, Martha A. *Free Women of Spain: Anarchism and the struggle for the emancipation of Women*. Chico: AK Press, 2004.
- ANA ROSA, Raquel. *Manchete-machete*. Campo Grande: Editora Bifurcação, 2015.
- BAKUNIN, Mikhail. *Deus e o Estado*. Tradução: Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Hedra, 2014.
- BARRA, Hélio. *O artista é um miserável*. Cuiabá: Mafutura, 2000.
- BERKMAN, Alexander. *El ABC del comunismo libertario*. Buenos Aires: Libros de Arrares; LaMalatesta; Tierra de fuego, 2009.
- BEY, Hakim. *TAZ: zona autônoma temporária*. 2.ed. Tradução: Renato Rezende. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.
- BOOKCHIN, Murray. *Anarquismo, crítica e autocrítica*. Tradução: Felipe Corrêa e Alexandre B. De Souza. São Paulo: Hedra, 2011.
- CAMPOS, Antonia J. M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Marcio M. *Escolas de luta*. São Paulo: Veneta, 2016.
- CHOMSKY, Noam. *Notas sobre o anarquismo*. Tradução: Felipe Corrêa. São Paulo: Hedra, 2011.
- Cuentos Anarquistas de América Latina**. 2.ed. Santiago de Chile: Editorial Eleuterio, 2015.
- Cuentos Populares Rusos**. Tradução: Jose Vento Molina. Moscú: Editorial Progreso, 1974.
- DEBORD, Guy. *Sociedade do espetáculo*. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DÍAZ, Natalia; SÁNCHEZ, Emilia; VIANA, Florencia de. *La pedagogía de los átomos*. 2.ed. Rivera: Luchas Letras, 2007.

FAURE, Sébastien. *A Colmeia: Uma experiência pedagógica*. Tradução: Antonio B. Canellas. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2015.

FREITAS, Amâncio De. *Anatomia do Estado*. 2.ed. João Pessoa: Destruintuito, 2013.

FON, Fábio. *Mentira de artista: arte (e tecnologia) que nos engana para repensarmos o mundo*. São Paulo: Cosmogonias Elétricas, 2017.

GUARACO, Elise. *Historias sobre tornados*. 3.ed. Lima: Cuentinuar, 2009.

LUENGO, Josefa Martín. *La Escuela de la Anarquía*. Madrid: Ediciones Madre Tierra, 1993.

MALATESTA, Errico. *A Anarquía*. São Paulo: Editora Imaginário, 2001.

MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

NIS, Walt. *A kiss for the transformations: an essay on the performance of destruction*. New York: ZL Press, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RECLUS, Élisée. *Anarquia pela educação*. São Paulo: Hedra, 2011.

SANTA BRÍGIDA, Antônio. *A quem pertence a verdade?* Rio Branco: Editora Praça Ramos, 1982.

SCHECHNER, Richard. *O que é performance? O percebejo*, UNIRIO, n.12, p.25-50, 2003.

TORGA, Miguel. *Rua*. 5.ed. Coimbra: Coimbra, 1985.

TYNIÁNOV, Iúri Nikoláievitch. *O Tenente Quetange*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

ARTIGOS

PAUL, Dairan Mathias. **Criatividade e resistência em Luther Blissett: o nome múltiplo como tática antimidiática**. Lugar Comum, Rio de Janeiro, n.43, p.97-115, Maio-Ago. 2014. Disponível em: <http://ununomade.net/wp-content/files_mf/142646180200Criatividade%20e%20resist%C3%Aancia%20em%20Luther%20Blissett%20-%20Dairan%20Mathias%20Paul.pdf>. Acesso em: 15/10/2017.

VASCONCELOS, Sonia M. R. **O plágio na comunidade científica: questões culturais e linguísticas**. Ciência e Cultura, São Paulo, v.59, n.3, p.4-5, Set. 2007. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14/10/2017.

DOCUMENTOS

BRASIL. Constituição (1988). **“Constituição da República Federativa do Brasil”**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 16/10/2017.

BRASIL. **LDB 4024/61**, de 20 de dezembro de 1961. Disponível em: <<http://www.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>>. Acesso em: 16/10/2017.

BRASIL. **LDB 5692/71**, de 11 de agosto de 1971. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 16/10/2017.

BRASIL. **LDB 9394/96**, de 20 e dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 16/10/2017.

BRASIL. **Medida Provisória nº 746**, de 22 de setembro

de 2016. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm>. Acesso em: 16/10/2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. “**Base Nacional Comum Curricular**”. 2015. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 16/10/2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. “**O Plano Nacional da Educação (2014/2024) em movimento**”. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>>. Acesso em: 16/10/2017.

OBSERVATÓRIO DO PNE. Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/>>. Acesso em: 16/10/2017.

VÍDEOS / FILMES

La Lengua de las Mariposas. Direção: José Luis Cuerda. Produção: Canal+ España. Madrid: Canal+ España, 1999.

TED. **Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&t=39s>>. Acesso em: 16/10/2017.

The Yes Men Fix The World. Direção: Andy Bichlbaum e Mike Bonanno. Produção: Doro Bachrach. United States: HBO, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ajkltiDgTLY>>. Acesso em: 16/10/2017.

ANEXOS

ANEXO 1 – EDUCAÇÃO ALÉM DA ESCOLA²⁶

ARTIGO 5 E ARTIGO 205

“Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (...)” (Constituição Federal).

Não é tarefa deste trabalho transcrever integralmente o artigo 5 da Constituição Federal, pois não há necessidade de ocupar tanto espaço, visto que é possível encontrar na internet a Constituição Federal inteira disponível²⁷. Sucintamente, de qualquer maneira, o artigo em sua sucessão irá tratar dos direitos e deveres individuais e coletivos em aspectos bem específicos.

“Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Constituição Federal).

O artigo 205 é bem claro ao dizer que a educação é um direito de todos. O artigo 5 especifica quem são esses todos e os reserva seus direitos, que serão aborda-

26 Trabalho acadêmico de produção do mesmo autor deste trabalho.

27 A Constituição Federal encontra-se na íntegra no link <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>.

dos ao longo do artigo em 78 itens, cada qual com sua particularidade.

Ao relacionar esses dois artigos, conclui-se que a educação, conseqüentemente completa ao visar o pleno desenvolvimento da pessoa, deve ser garantida a todos – esse ponto é crucial para se pensar nas desigualdades socioeconômicas alarmantes do Brasil – ou seja, aos imigrantes, nortistas, nordestinos, negros, pobres e mulheres. No entanto, ainda que a educação esteja assegurada pela lei, encontram-se instituições escolares precárias, quando não inexistentes, em municípios e bairros pobres, e muitas famílias desestruturadas, em distintos aspectos, muitas vezes por razões de ordem socioeconômica e descaso do Estado.

A observação deve ser ainda mais crítica quando se depara que os trabalhadores da educação são enormemente despreparados para o exercício de seu ofício, e dentro dos espaços educativos, ainda se enxergam afrontes discriminatórios para com esses grupos. Percorrer esse caminho pelas microssituações cotidianas da esfera que engloba as escolas, também não vem ao caso deste trabalho, mas é importante para compreender a não correspondência do Estado e dos profissionais com os endossamentos da Lei.

A Educação é base para a formação dos indivíduos nascidos em sociedade e que serão, mais tarde, conscientes da integração do seu ser no corpo coletivo, sendo essa consciência de menor ou maior grau. Garantir a Educação é extremamente necessário. Não a assegurar de maneira fidedigna, integral e igualitária – estabelecimentos conservados, merenda de qualidade, material didático completo, profissionais preparados – atinge diretamente no direito à vida, à liberdade, à igual-

dade (estudantes de escolas particulares têm mais privilégios), à segurança e à propriedade.

DAS LEIS DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é a legislação que normatiza tudo o que diz respeito ao sistema educacional no Brasil, da Educação Básica ao Ensino Superior, público ou privado. Como a Constituição Federal prevê os direitos do cidadão, é necessário criar leis que tratam detalhadamente de questões específicas, como, nesse caso, do sistema educacional brasileiro, para direcionar como essas devem ser postas em prática.

A primeira LDB constituída no Brasil, foi promulgada em 1961 (LDB 4024/61). Depois, vieram mais duas, sendo estas a LDB 5692/71, promulgada em 1971, e a LDB 9394/96, promulgada em 1996, a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em vigor.

LDB 4024/61²⁸

A primeira LDB promulgada no Brasil possui 13 títulos, 9 capítulos e 120 artigos.

O “TÍTULO II – Do Direito à Educação” em apenas dois artigos trata, em um primeiro momento, de reafirmar que a educação é um direito de todos e que a família é responsável por decidir o gênero de educação que cabe aos seus filhos, assim, a educação pode ser garantida no lar ou na escola. Em um segundo momento, é dever

do Estado assegurar iguais oportunidades para todos e por isso deve garantir recursos imprescindíveis para o cumprimento da sua incumbência.

LDB 5692/71²⁹

A LDB 5692/71 possui 8 capítulos e 88 artigos.

O “CAPÍTULO I – Do Ensino de 1º e 2º graus” possui os primeiros 16 artigos da LDB em questão. Neste capítulo estão prescritos os direcionamentos para os ensinos de 1º e 2º graus acerca da língua à serem ministradas as aulas, nesse caso a nacional; da organização administrativa, didática e disciplinar; dos currículos que terão um núcleo comum e obrigatório em âmbito nacional; das funcionalidades e deveres dos estabelecimentos; do período letivo; das avaliações a serem aplicadas.

O primeiro artigo diz algo muito parecido com o artigo 205 da Constituição Federal ao reforçar que os ensinos de 1º e 2º graus devem propiciar a educação necessária para o desenvolvimento das potencialidades do aluno, a sua qualificação para o trabalho e o preparo para o exercício da cidadania. Referente a questão da competência para o trabalho, o currículo previsto nesta LDB diz que o ensino de 1º grau terá a educação geral exclusiva nas séries iniciais e predominante nas finais; já no 2º grau, predomine a parte de formação especial, se destinando a iniciação de habilitação profissional. Parte dessa habilitação pode se dar em regime de estágio sem vínculo empregatício, como prevê o artigo 6: As habilitações profissionais poderão ser realizadas em regime de cooperação com as empresas.

Há uma especificidade para a zona rural, quando acerca da organização dos estabelecimentos. Nessas regiões, os estabelecimentos poderão organizar seus períodos letivos em consonância com as épocas de plantio e colheita, prescrevendo o período de férias, mediante aprovação da competente autoridade de ensino.

LDB 9394/96³⁰

A LDB 9394/96 possui 9 títulos, 5 capítulos, 5 seções e 92 artigos.

O “TÍTULO I – Da Educação” abarca apenas um artigo e traz uma observação mais contemporânea sobre a educação ao dizer que ela abrange a formação que se tem em ambiente familiar; na convivência humana, nos movimentos sociais, enfim, não apenas na escola. No entanto, na sequência do artigo, é declarado que esta Lei é responsável pela educação escolar que, portanto, se desenvolve por meio do ensino e em instituições próprias, além de ter o dever de vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

DO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (2014/2024)

O Plano Nacional de Educação (PNE) entrou em vigência dia 26 de junho de 2014, sendo previsto pelo artigo 214 da Constituição Federal, e determina diretrizes, metas e estratégias para o sistema educacional pelos próximos dez anos. As metas tratarão da Educação Básica, da redução das desigualdades, da valorização dos profissionais da educação, e do Ensino Superior.

29 Na íntegra no link <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>.

30 Na íntegra no link <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>.

O PNE possui 20 metas, tendo cada meta inúmeras estratégias para o seu cumprimento, existindo no total 254. Assim, a meta 1, da Educação Infantil, possui 17 estratégias, sendo das mais variadas: metas de expansão, combate à desigualdade e monitoramento do acesso e da permanência, por exemplo. A meta 2, do Ensino Fundamental, possui 13 estratégias; a meta 3, do Ensino Médio, 14 estratégias; a meta 4, da Educação Especial/Inclusiva, 19 estratégias; a meta 5, da Alfabetização, 7 estratégias; a meta 6, da Educação Integral, 9 estratégias; a meta 7, do Aprendizado adequado na idade certa, 36 estratégias; a meta 8, da Escolaridade média, 6 estratégias; a meta 9, da Alfabetização e alfabetismo funcional de jovens e adultos, 12 estratégias; a meta 10, da EJA integrada à Educação Profissional, 11 estratégias; a meta 11, da Educação Profissional, 14 estratégias; a meta 12, da Educação Superior, 21 estratégias; a meta 13, da Titulação de professores da Educação Superior, 9 estratégias; a meta 14, da Pós-graduação, 15 estratégias; a meta 15, da Formação de professores, 13 estratégias; a meta 16, da Formação continuada e pós-graduação de professores, 6 estratégias; a meta 17, da Valorização do professor, 4 estratégias; a meta 18, do Plano de carreira docente, 8 estratégias; a meta 19, da Gestão democrática, 8 estratégias; a meta 20, do Financiamento da Educação, 12 estratégias.³¹

110

CONCLUSÃO PARCIAL E EDUCAÇÃO NÃO INSTITUCIONALIZADA

A força motriz desse capítulo permeia entre o reconhecimento da potência da desescolarização, para além da sua adesão pequeno-burguesa, e da condecoração de que todo espaço tem um potencial pedagógico. Partindo do pressuposto de que os atuais parâmetros curriculares e as relações socioculturais dentro escola são encabeçados pelos interesses das classes dominantes, estudar as possibilidades para a construção de um caminho contrário a institucionalização e a obrigatoriedade do ensino, é também pensar em uma possibilidade de educação livre, autônoma e, consequentemente, contra-hegemônica.

O conteúdo anterior a este capítulo, explicita a variedade de diretrizes do qual foram se compondo as obrigações do Estado para com a Educação, no objetivo de reduzir as desigualdades sociais e assegurar uma educação de qualidade a todos. Percebe-se esse percurso trilhado nas três LDBs, de 1961, 1971 e 1996, onde houveram diversas modificações. Com o Plano Nacional de Educação aprovado em 2014, as metas para normatizar a Educação são muitas. No entanto, esse processo dito evolutivo das leis, de fato, por uma perspectiva massificadora, gradualmente vem transformando a educação, ao incluir mais pessoas nas escolas, ao reduzir lentamente as taxas de analfabetismo etc.; por outra perspectiva, mais pessoas entram na escola, mas a escola, efetivamente não muda e não deve mudar, afinal, o currículo que rege o ensino, atende a interesses específicos, que busca, prioritariamente, formar mão de obra que não exerça o pensamento crítico e que obedeça a autoridade. Enquan-

111

31 Para saber mais sobre o PNE e acompanhar o seu desenvolvimento, acompanhando demandas, pesquisas, gráficos e estatísticas, ver o site <<http://www.observatoriodopne.org.br/>>.

to a escola pública, em sua esmagadora maioria, e algumas poucas escolas particulares, formam alunos para serem operários obedientes, outras escolas particulares, de maior valor econômico, formam alunos para serem patrões que saibam administrar seus serventes.

É nesse reconhecimento que o anseio por uma disposição de Educação não institucionalizada ganha força. A escola sob a égide do Estado, sempre atenderá aos seus interesses, o das classes dominantes e do capital. A desescolarização, refere-se, também, à valorização dos espaços e das oportunidades educacionais fora do ambiente escolar. Esse é um caminho que vai por vias contrárias às burocracias estatais. Afinal, não há a possibilidade de discutir Educação no contexto atual brasileiro, sem discutir as predileções do Estado, o “responsável” em garantir a Educação para todos.

Na LDB 4024/61, o artigo 27 determina que o ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos. Na LDB 5692/71, o artigo 20 institui a obrigatoriedade do ensino de 1º grau as pessoas de 7 a 14 anos. Já na LDB 9394/96, o ensino fundamental obrigatório e gratuito inicia-se aos 6 anos de idade, e tem duração de 9 anos. Uma alteração feita na LDB, dada pela Lei nº 12.796, de 2013, torna a educação básica (pré-escola, ensino fundamental e ensino médio) obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade, totalizando 14 anos escolares. A obrigatoriedade do ensino corrige alguns números da desigualdade social no país, mas não interfere minimamente nas bases colonizadoras da nossa sociedade e na transformação integral dela.

Criticar a obrigatoriedade do ensino não é uma coisa simples para um país de maior diversidade socio-cultural do mundo, em um território que o consagra o

quinto de maior extensão territorial das nações. Existem números alarmantes de desigualdade socioeconômica no Brasil. Por vezes, no imaginário comum, normatizar minuciosamente cada característica dos âmbitos escolares e tornar obrigatório o ensino parece ser a melhor saída para resolução desses inúmeros problemas. Desescolarizar aparenta ser uma atitude extremamente radical, mas deve-se acirrar estudos sobre sua natureza, se se deseja pensar em uma Educação onde a pessoa, desde criança, é dona de si mesma, e não propriedade do Estado.

ENSEJOS NAS ESCOLAS

Reconhece-se a dificuldade de tratar a desescolarização em um contexto turbulento onde muitas frentes estão lutando pela Educação, para libertá-la ou para manipulá-la. A Base Nacional Comum Curricular³², com seus prós e contras, desembarca com uma proposta completa de alterar todo o currículo escolar nacional. Em contrapartida, e se beneficiando da BNCC, a Medida Provisória nº 746/2016³³, na sua apresentação para a reforma do Ensino Médio, exclui artes, educação física, filosofia e sociologia do currículo obrigatório, tornando estas facultativas e dependentes do conteúdo curricular da futura BNCC – na LDB, o ensino de artes e educação física estava previsto em todas as etapas da educação básica; aumenta a carga horária, no intuito de incentivar o ensino em

32 Ver BNCC no link <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>.

33 Ver MP nº 746/2016 no link <https://www.planalto.gov.br/cciv-il_03/_Ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm>.

tempo integral; o ensino de inglês passa a ser obrigatório, sendo anteriormente, o ensino de alguma língua estrangeira, responsabilidade da comunidade escolar. Portanto, há muita discussão e propostas de reformas em âmbito nacional acerca da Educação e, ao mesmo tempo, muita reação das camadas populares a esse sistema de ensino que é ofertado.

O referido título dessa seção tem o intuito de estimular o leitor a enxergar em pequenas ações das escolas oportunidades de trabalhar a ideia de uma educação livre. Trata-se de buscar, também, nas leis, lacunas que permitam pequenos lampejos de experiências educativas fora do ambiente escolar. Se tem como exemplo, a estratégia 8 da “Meta 2 – Ensino Fundamental” do PNE, que diz respeito às atividades culturais: “Promover a relação das escolas com instituições e movimentos culturais, a fim de garantir a oferta regular de atividades culturais para a livre fruição dos alunos dentro e fora dos espaços escolares, assegurando ainda que as escolas se tornem polos de criação e difusão cultural”³⁴. Quando grupos de escola frequentam espaços culturais, como exposições de arte, educadores estão dispostos a realizarem visitas monitoradas e oficinas acerca do tema da exposição em questão. Nesse curto período de tempo o educador, normalmente faz um recorte temático, além do próprio recorte que é exposição, afinal, abordar o contexto de todas as obras, levaria muito tempo. É nesse espaço que a experiência educativa deveria se realizar em seu potencial máximo, no campo teórico e prático, para se fazer valer o exercício crítico do grupo acerca da qualidade da educação estabelecida para si.

Esse é um apelo aos educadores formais e não-formais de encontrarem esses curtos espaços de liberdade que a Educação se encanta, seja na sala de aula, e, principalmente, fora dela. Um apelo aos estudantes de se encontrarem responsáveis pela sua educação e lutarem pela transformação desta constantemente, a fim de se valerem suas reivindicações frente à educação que lhe é imposta. Rastrear nas leis, justificativas para essas requisições, rumo a formação crítica coletiva para, em breve, nos reinventarmos enquanto mestres e aprendizes em todos os lugares.

ANEXO 2 – FORMIGAS³⁵

Tempos atrás, muito bem antes das cidades ficarem acesas durante a noite inteira, as formigas não tinham tanta preocupação. Seus afazeres se satisfaziam em manter organizado e fértil os espaços de comunhão: os formigueiros. Os homens ricos da cidade com cimento e concreto invadiram todos os lugares quanto fosse possível para construir seus arranha-céus, shoppings e usinas elétricas. Os formigueiros já não tinham mais espaço. Eram pisoteados. Os homens pobres, também. Mas o que podiam eles fazer?

A consequência desse desastre culminou com a retirada forçada das formigas do campo para a cidade. Sem lugar apropriado para edificarem seus tradicionais lares, passaram a habitar os vãos das casas urbanas. Mas ainda assim, isso não era lá muito bem visto pelos homens. As formigas viviam de maneira clandestina, precisando sempre se esconder, para apenas existir. No entanto, havia um lugar que parecia muito apropriado para as condições miseráveis de vida delas: as caixas de tomada das casas. Parece irônico e mentiroso, mas é irônico e verdadeiro. Perguntem a elas.

Seria um erro dizer que são todos os homens que maltratavam as formigas. Na verdade, a grande maioria deles também foram prejudicados pela ganância dos mais ricos. Uma mulher que tinha como ofício a marce-

117

naria, por exemplo, construía criados mudos. Aprendera com seu pai, que fora um grande marceneiro. Emma, em sua casa, que também era oficina, reservava um espaço de seu quintal para plantar hortaliças e não se incomodava com que algumas formigas constituíssem pequenos formigueiros. Até gostava. Acreditava que todos tinham espaço para viverem tranquilos. Só que uma grande troca de experiências eclodiu ali, bem aos pés dos criados mudos.

Acontece que Emma tinha um gato todo preto que adorava roer os fios elétricos por onde passava. Os vizinhos ficavam doidos, mas Emma se divertia com as peripécias do gato e com a ira dos homens por não conseguirem mais ligarem suas televisões, rádios e computadores. As formigas também se riam. Aliás, essa ação corriqueira do felino serviu de grande ideia para elas que tinham muitas companheiras que ainda viviam nas caixas de tomada das casas. Notaram que sem energia muitos homens aborreciam-se e ficavam sem saber o que fazer. Era um ponto fraco.

Então, a oficina da Emma transformou-se em um local de encontro das formigas para estas organizarem uma ação coletiva. Emma fingia que não sabia de nada, mas adorava participar discretamente das reuniões. Uma coisa era certa de que as formigas faziam bem e que era um possível caminho para a ação: carregar folhas grandes em grupo. Se elas transportassem tais folhas com gotas de água até os fios roídos pelo gato preto e mais outros felinos, seriam capazes de darem curtos-circuitos nas residências e o transtorno dos homens estava dado. O que fariam eles sem energia elétrica se estavam tão habituados a dependerem de suas caixas de televisão e do chuveiro quente?

Pois é, os mais pobres nem haviam de se preocupar, sempre viveram na miséria. Não temiam as ruínas, pois carregavam dentro de si um mundo novo. As formigas também. Emma e o gato preto também. Imaginem só em que poderia dar essa estranha união de formigas, gatos e homens. Agora não sei como esse plano se desenrolou ao certo. Precisei me mudar para longe do bairro de Emma na véspera da ação. Estava sem dinheiro para tão caro aluguel. Mas um dia desses, enquanto eu lia um livro embaixo das luzes de um abajur em cima do criado mudo, a energia acabou. Fui à janela e vi que a escuridão era completa pela cidade. Abri um sorriso.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – COMO ALMOÇARAM JUNTOS UM MUJIQUE E UM GRANDE SENHOR MUITO ORGULHOSO³⁶

Era um grande proprietário de terras muito rico e muito orgulhoso. Não cumprimentava ninguém, e aos camponeses nem sequer os considera pessoas. Dizia que fediam a suor e a terra. Ele ordenava aos seus lacaios que não deixassem eles se aproximarem.

Em certa ocasião se reuniram os camponeses e se puseram a falar dele.

– Ontem – disse um – vi de perto o nosso senhor, o encontrei no campo.

– Ontem – disse outro – olhei por cima do portão e vi o senhor tomando café no terraço.

Se aproximou dos interlocutores outro mujique, o mais pobre da aldeia, e começou a dar risada.

– Grande coisa! – disse –, olhar o senhor por cima do portão! Eu, se quiser, posso almoçar com ele.

– Você? Almoçar com o senhor? Se enquanto você vê-lo te encontrarem, te colocarão na rua e não deixarão você se aproximar nem da fazenda! – lhe responderam os outros.

Os camponeses se puseram a discutir.

– Estás mentindo! – se empolgaram.

36 Conto encontrado no livro *Cuentos Populares Rusos*. Tradução livre do espanhol realizado pelo autor deste trabalho.

Mujique é o nome dado a um camponês russo antes da Revolução de 1917.

– Não minto! – replicava o pobre.

– Se almoçar com o senhor – lhe disseram seus colegas –, te daremos três sacos de trigo e dois bois, e se não, farás o que nós mandarmos.

– De acordo – disse o pobre.

O mujique se dirigiu a fazenda do senhor. Vieram até ele os lacaios, saíram correndo e quiseram expulsá-lo de lá.

– Espera – lhes disse o mujique –, tenho que dar ao senhor uma boa nova.

– Que novidade?

– Só direi a ele pessoalmente.

Os lacaios transmitiram ao senhor as palavras do mujique.

O senhor sentiu curiosidade: o mujique não havia lhe pedido nada e dizia que queria comunicá-lo uma boa nova. Seria algo de interessante? No fim, o senhor ordenou aos seus lacaios:

– Tragam aqui esse mujique.

Os lacaios deixaram o mujique passar. O senhor saiu a recebê-lo e lhe perguntou:

– Que novidade é essa que queres me comunicar?

O mujique olhou os lacaios e disse:

– Queria, senhor, falar pessoalmente contigo.

Sentindo aumentar sua curiosidade – que novidade seria aquela? –, o senhor ordenou aos lacaios que se retirassem.

Enquanto ficavam somente os dois, o mujique baixou a voz e perguntou:

– Diga-me, dono e senhor meu, quanto vale um pedaço de ouro grande como uma cabeça de cavalo?

– Para que queres saber? – lhe perguntou o senhor.

– Se eu te pergunto, é porque tem algum motivo...

Ao senhor seus olhos se incendiaram e suas mãos tremeram.

“Sim – disse a si mesmo –, ele não pergunta por perguntar. Se vê que encontrou um tesouro...”

Perguntou o senhor:

– Diga-me, mujique, que falta te faz saber?

O mujique exalou um suspiro e disse:

– Se não queres me dizer, seja feita a tua vontade.

Enfim, me vou, que já está na hora do almoço.

O senhor se esqueceu de seu orgulho, todo trêmulo de cobiça.

“Enganarei esse ignorante – disse a si mesmo –, lhe tomarei o ouro”, e propôs ao mujique:

– Que necessidade tem, bom homem, de ir tão rápido para casa? Se tens fome, almoça comigo.

Gritou o senhor aos seus lacaios:

– Viva! Ponham a mesa e tragam umas garrafas de aguardente!

Os lacaios puseram a mesa em um instante e serviram iguarias e bebidas.

O senhor se pôs a regalar o mujique:

– Bebe, bom homem! Come, bom homem! Come mais, não se acanhe!

O mujique comia e bebia por três homens, sem dizer nada.

O senhor não fazia nada mais que encher seu prato e seu copo.

Quando o mujique estava farto de comer e de beber, o senhor lhe disse:

– Agora, anda e traga-me depressa esse pedaço de ouro grande como uma cabeça de cavalo. Eu saberei administrá-lo melhor. E a ti te darei uma moeda de prata de um rublo.

- Não, meu senhor, não trarei o ouro.
- Por que, bom homem?
- Porque eu não tenho.
- Como que não tem! Então, porque me perguntou quanto valia?
- Por mera curiosidade.
O senhor se enfureceu, ficou roxo, começou a chutar e vociferou:
- Saia já daqui, idiota!
O mujique respondeu:
- Não, meu senhor, não sou tão idiota como você pensa: consegui te enganar e ganhei três sacos de trigo e dois lindos bois. Um idiota não saberia ter feito isso.
Com essa deixa, saiu andando nosso bom mujique.

APÊNDICE 2 – GALINHAS³⁷

Enquanto não possuía mais que minha cama e meus livros, fui feliz. Agora possuo nove galinhas e um galo, e minha alma está perturbada.

A propriedade me tornou cruel. Sempre que comprava uma galinha, a amarrava dois dias em uma árvore para impô-la à minha casa, destruindo em sua frágil memória o amor a sua antiga residência. Arrumei a cerca de meu quintal, com a finalidade de evitar a evasão das minhas aves e a invasão de raposas de quatro e dois pés. Me isolei, fortifiquei a fronteira, tracei uma linha diabólica entre meu vizinho e eu. Dividi a humanidade em duas categorias; eu, dono de minhas galinhas, e os demais que podiam tirá-las de mim. Defini o crime. O mundo para mim está cheio de suspeitos ladrões e pela primeira vez lancei para o outro lado da cerca um olhar hostil.

Meu galo era jovem demais. O galo do vizinho saltou a cerca e começou a cortejar minhas galinhas e amargar a existência do meu galo. Expulsei o intruso a pedradas, mas elas saltaram a cerca e avoaram para a casa do vizinho. Reclamei sobre os ovos e o vizinho me aborreceu. Desde então vi sua cara sobre a cerca, seu olhar inquisidor e hostil, idêntico ao meu. Suas galinhas pulavam a cerca e devoravam o milho molhado destinado

³⁷ Conto de autoria de Rafael Barrett, escritor anarquista espanhol do fim do século XIX, encontrado no livro *Cuentos Anarquistas de América Latina*. Tradução livre do espanhol feita pelo autor deste trabalho.

as minhas. As galinhas de fora me pareciam criminosas. As persegui e, cegado pela raiva, matei uma. O vizinho atribuiu uma importância enorme ao atentado. Não quis aceitar uma indenização monetária. Retirou seriamente o cadáver de sua galinha e, ao invés de comê-la, a mostrou aos seus amigos, e fez circular pela cidade a lenda de minha brutalidade imperialista. Tive que reforçar a cerca, aumentar a vigilância e elevar, em uma palavra, meu orçamento de guerra. O vizinho dispõe de um cachorro decidido a tudo; eu penso em adquirir um revólver.

Onde está minha velha tranquilidade? Estou envenenado pela minha desconfiança e pelo ódio. O espírito do mal se apoderou de mim. Antes eu era um homem. Agora sou um proprietário...

AGRADECIMENTOS

Às conversas alheias interceptadas pelo soar do pandeiro nos metrô da capital de São Paulo.

À Raquel, por me ouvir enquanto mostrava-me o caminho para o ponto de ônibus da Sumaré.

À Walt, por, naquele dia, ter mandado um beijo para as travestis.

À Natalia, à Emilia e à Florencia, por terem me apresentado à Física.

À Elise, pelo trocadilho: “Eu tenho um pintinho chamado Distô. Toda vez que o futuro fica incerto e sombrio, Distô pia”.

Ao Antônio, por me chamar de artista; ao Hélio, por me chamar de miserável.

Ao Amâncio, por me pagar um pão.

Aos gatos pretos.

IMAGEM DA CAPA “Trust the Lies, Not the ‘Truth’
de Heath Bunting.

Irrational.org - <http://www.irational.org/heath/trust_the_lies_not_the_truth_fly_poster_graffiti/>.

FIGURA 1

CitiesTips.com - <<http://www.citiestips.com/view/Panoramio-170092>>.

FIGURA 2

New York Daily News Archive - <<http://www.nydailynews.com/news/national/war-worlds-broadcast-sparked-panic-nyc-article-1.801347>>.

FIGURA 3

Democracy Now - <https://www.democracynow.org/2004/12/6/yes_men_hoax_on_bbc_reminds>.

FIGURA 4

Luther Blissett - <<http://www.lutherblissett.net/>>.

O conteúdo deste livro foi escrito para a consagração do ritual de formação de um curso de graduação em Artes Visuais.

Autores: Patrik e Bert Pohl
Revisão: Patrik Pohl
Projeto Gráfico: Bert Pohl
Capa: Bert Pohl

Produção independente.
¡Salud y Anarquía!



É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que esta nota seja incluída e a autoria seja citada.

Livro criado no verão de 2017 para
futura impressão e diagramado em
tipologia Cambria e Space Mono.